



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

LAIANE DE SOUSA ALMEIDA
THÂMELA THAÍS SANTOS DOS SANTOS

TRANSGENERIDADE:

Uma análise da transição de gênero no desempenho e nos papéis ocupacionais

BELÉM-PA
2019

LAIANE DE SOUSA ALMEIDA
THÂMELA THAÍS SANTOS DOS SANTOS

TRANSGENERIDADE:

Uma análise da transição de gênero no desempenho e nos papéis ocupacionais

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Terapia Ocupacional, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. MSc. Luísa Sousa Monteiro Oliveira.

BELÉM-PA
2019

LAIANE SOUSA ALMEIDA
THÂMELA THAÍS SANTOS DOS SANTOS

TRANSGENERIDADE:

Uma análise da transição de gênero no desempenho e nos papéis ocupacionais

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Terapia Ocupacional, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profª. MSc. Luísa Sousa Monteiro Oliveira.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. LUÍSA SOUSA MONTEIRO OLIVEIRA
Orientadora – UFPA

Prof. Dr. ELSON FERREIRA COSTA
Examinador Interno – UFPA

Prof. Dr. LUCIVALDO DA SILVA ARAÚJO
Examinador Externo – UEPA

Este trabalho é dedicado às pessoas transgênero, pela receptividade e apoio e a nós mesmas, pela resiliência e força diante das adversidades

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, meu guia e suporte de todos os momentos. Quando tudo parecia impossível e mais pesado do que eu poderia aguentar, me reergueu com suas mãos, me abençoou grandemente, me amou e me fez forte para chegar até aqui.

À minha mãe e meu pai, meus maiores incentivadores na educação, se doaram para que minha formação fosse possível, me ensinaram princípios e a ser uma mulher que busca por sua independência, isso nenhuma academia me dará.

À toda a minha família, que me ensinou a usar o humor para trazer leveza ao viver. Em especial a minha irmã, que sempre me apoiou, me deu os melhores conselhos, serviu de escuta em momentos de angústia e é uma fonte de inspiração.

À todos os meus amigos que sempre acreditaram em mim e me incentivaram. Em especial as minhas parceiras de Tão tão Distante (Thâmela, Raiany e Wânglea), que foram meu alicerce em todo esse percurso, vocês foram alegria em meio ao caos, minha luz no curso, meus amores da minha vida todinha. E àqueles que entraram no meio do percurso, mas foram igualmente importantes, a minha anjinha raio de sol Alice, que sempre foi amor para mim, aprecio muito sua amizade. E o Kawyhn, que sempre foi abrigo, fonte de carinho, com quem eu posso rir e chorar (e chorar mais um pouquinho) e que sempre me incentivou, mesmo que as vezes não entenda muito bem o que é a Terapia Ocupacional.

À Faculdade, aos professores e, principalmente, a Terapia Ocupacional que ressignificou a minha vida, mudou minha forma de agir e pensar, me proporcionou experiências únicas de exploração das mais diversas dimensões do ser humano.

À minha mãe científica, Glenda Miranda, que sempre será exemplo de ser humano, de mulher e de profissional. Sou extremamente grata por cada ensinamento, palavras de apoio e carinho, obrigada por confiar no meu trabalho e me oportunizar tantos aprendizados.

À nossa orientadora, que topou esse desafio de desbravar assuntos inovadores dentro da Terapia Ocupacional.

E, finalmente, à mim que encontrei forças em meio as adversidades, posso dizer que tenho orgulho da mulher que me tornei e estou muito feliz com os voos feitos até aqui.

Laiane Sousa Almeida

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu sustento em exatamente todos os momentos, fonte de amor na minha vida, quem me ordenou a ser forte e corajosa, a não me apavorar e nem desanimar.

À minha mãe que possibilitou todas as minhas idas pela manhã, ao acordar tão cedo para cuidar com carinho, de mim e dos meus sonhos e que me encorajou tantas vezes, até mesmo sem entender.

Ao meu pai, o rapaz latino americano, que sempre me carregou nas costas e me lançou à frente de si mesmo, para me ver chegar longe, que me incentivou a lutar todos os dias, porque sou forte.

À toda a minha família, a qual ajudou a formar quem sou. Em especial, meus irmãos (Gregório, Anderson e Carol – esta última que viabilizou a escrita deste trabalho em meio a minha dificuldade de recursos), partes de mim.

A todos os anjinhos que estiveram comigo e aos que estão hoje me vigiando e enchendo de amor (Hulk e Bob Dylan).

Aos meus parceiros, que me acompanham e sustentam tantas e tantas vezes ao longo da vida (Denise e Lucas), foram e são as melhores companhias, fontes de energia e amor – e Cobalto (Brenda, Hugo, André, Giovana e Cristhian), me ajudam a colorir essa caminhada, colocando leveza, paz e união nos momentos mais importantes (Laiane, Raiany, Wânglea e Alice) e, além de tudo, dão exemplos a serem seguidos (Leonan). Assim como o Bernardo, que foi luz nesse percurso.

À Terapia Ocupacional, que me possibilitou ver o mundo pela sua ótica, me amadurecendo e criando uma parte linda de quem sou.

À minha faculdade, a qual se tornou casa também e à minha família da casa-faculdade (colegas e professores). Em especial à minha eterna mãe científica Glenda Miranda, que me lecionou a arte de ser um ser humano incrível em tantos aspectos, incluindo a seriedade de ser uma profissional responsável, competente e inspiradora.

À nossa orientadora, que gentilmente oportunizou nossa caminhada até aqui.

E, sobretudo, a mim, que estive ao longo dessa trajetória me amparando e me construindo.

Thâmela Tháís Santos dos Santos

“Viver é um rasgar-se e remendar-se”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

A presente pesquisa aborda possíveis relações entre a transição de gênero e a dimensão ocupacional, utilizando como aporte teórico o Modelo da Ocupação Humana. Dessa forma, o estudo tem por objetivo analisar a relação entre a transição de gênero, o desempenho ocupacional e papéis ocupacionais de pessoas transexuais a partir da compreensão do perfil ocupacional, da descrição do desempenho ocupacional antes e depois da transição de gênero nas ocupações Educação, Trabalho, Lazer e Gerenciamento de Saúde, seguida da identificação e da configuração dos papéis ocupacionais nesse processo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de delineamento retrospectivo, com uma amostra de 10 indivíduos, autoreferidos transgêneros, maiores de 18 anos, acessados por meio da busca ativa das pesquisadoras. Utilizou-se como instrumentos para coleta de dados uma entrevista para avaliação do perfil ocupacional e caracterização sociodemográfica, seguida de outra entrevista semidirigida sobre o processo de transição de gênero e desempenho ocupacional e, por fim a aplicação do protocolo Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais. Os resultados indicaram que após a transição de gênero houve mudanças positivas e negativas no desempenho ocupacional em todas as ocupações pesquisadas, promovendo uma reconfiguração nos padrões de vida diária. Notou-se uma reconfiguração nos papéis ocupacionais, em que se obteve como principais ganhos após a transição a inserção do papel de Trabalhador, Voluntário e Participante em Organizações e o principal papel perdido após a transição foi o Religioso. Diante dos resultados ressalta-se a contribuição do estudo para o campo científico e a população transgênero por trazer uma maior visibilidade às suas vivências a partir de suas percepções, inserindo ainda a ótica ocupacional. Além disso, mostra-se como uma pesquisa inovadora e de grande relevância para área da Terapia Ocupacional, que a partir dos dados poderá ampliar seu espectro de atuação e reconhecer as demandas desse público, para isso sugere-se a realização de mais pesquisas nesse ramo, diversificando mais a amostra, avaliando outros aspectos ocupacionais e explorando as variadas identidades de gênero.

Palavras-chave: Pessoas transgênero. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

This research addresses possible relations between the gender transition and the occupational dimension, using the Model of Human Occupation as a theoretical contribution. In this way, the study has the objective to analyze the relationship between gender transition, occupational performance and occupational roles of transgender people from the understanding of the occupational profile, the description of occupational performance before and after the gender transition in the areas of occupations Education, Work, Leisure and Health Management, followed by the identification and configuration of occupational roles in this process. This is a qualitative, descriptive and retrospective study, with a sample of 10 individuals, self-reported transgender, over 18 years old, accessed through the active search of the researchers. The instruments used for data collection were an interview to assess occupational profile and sociodemographic characterization, followed by another semi-directed interview about the process of gender transition and occupational performance, and finally the application of the Occupational Role Identification List protocol. The results indicated that after the gender transition there were positive and negative changes in occupational performance in all areas of occupation surveyed, promoting a reconfiguration in daily living standards. There was a reconfiguration in occupational roles, where the main gains after the transition were the insertion of the role of Worker, Volunteer and Participant in Organizations and the main role lost after the transition was the Religious. Given the results, it highlights the contribution of the study to the scientific field and the transgender population by bringing greater visibility to their experiences from their perceptions, including the occupational perspective. In addition, it is shown as an innovative research and of great relevance to the Occupational Therapy area, which from the data can broaden its spectrum of action and recognize the demands of this public. For this reason, further research in this field is suggested, further diversifying the sample, assessing other occupational aspects and exploring the various gender identities.

Keywords: Transgender. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Dados Sociodemográficos.....	29
Gráfico 1 - Atividades presentes nos padrões de vida diária dos participantes.....	31
Gráfico 2 - Mudanças nos padrões de vida diária.....	34
Gráfico 3 – Barreiras Identificadas.....	36
Gráfico 4 – Facilitadores nas Ocupações.....	37
Gráfico 5 – Preocupação em relação às ocupações desejadas.....	42
Gráfico 6 – Ocupações consideradas mais importantes.....	43
Gráfico 7 – Ocupações desejadas.....	44
Gráfico 8 – Atividades de Lazer.....	55
Gráfico 9 – Mudanças na Ocupação Lazer.....	55
Gráfico 10 – Mudanças no Gerenciamento da Saúde.....	61
Gráfico 11 - Distribuição dos Papéis Ocupacionais dos participantes.....	64
Gráfico 12 - Distribuição do Grau de Importância dos Papéis Ocupacionais.....	66

LISTA DE SIGLAS

ABGLBT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AO	Apartheid Ocupacional
AOTA	American Occupational Therapy Association
AVD	Atividade De Vida Diária
CEPS	Comitê de Ética em Pesquisa em Saúde
HIV	Vírus da Imunodeficiência
LGBTQ	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Queer
MOH	Modelo Da Ocupação Humana
ONGs	Organizações Não Governamentais
TCLE	Termo De Consentimento Livre E Esclarecido
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade De São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	JUSTIFICATIVA.....	16
3	MARCO TEÓRICO.....	18
3.1	Modelo da Ocupação Humana e Ocupação: conceitos definições.....	19
3.2	Transição de Gênero e Ocupações.....	21
4	OBJETIVOS.....	23
4.1	Objetivo geral.....	2
4.2	Objetivos específicos.....	24
5	METODOLOGIA.....	24
5.1	Tipo de pesquisa.....	24
5.2	Ambiente de Pesquisa.....	25
5.3	Participantes.....	25
5.3.1	Critérios de inclusão.....	25
5.3.2	Critérios de exclusão.....	25
5.4	Instrumentos para coleta de dados.....	25
5.5	Procedimentos para coleta dos dados.....	26
5.6	Análise dos dados.....	26
5.7	Aspectos éticos.....	29
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
6.1	Características Sociodemográficas dos Participantes.....	29
6.2	Sobre o Perfil Ocupacional de Pessoas Transgênero.....	31
6.3	Sobre o Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero.....	45

6.3.1	Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero na Ocupação Educação.....	46
6.3.2	Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero na Ocupação Trabalho.....	51
6.3.3	Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero na Ocupação Lazer...	54
6.3.4	Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero na Ocupação Gerenciamento de saúde.....	59
6.4	Sobre os Papéis Ocupacionais de Pessoas Transgêneros.....	64
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
	REFERÊNCIAS.....	71
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	77
	APÊNDICE B - PERFIL OCUPACIONAL E SOCIODEMOGRÁFICO.....	79
	APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA: DESEMPENHO OCUPACIONAL.....	80
	ANEXO A - LISTA DE IDENTIFICAÇÃO DE PAPÉIS OCUPACIONAIS.....	82
	ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....	85

1 INTRODUÇÃO

Estudos acerca de gênero surgiram a partir de lutas libertárias e movimentos sociais feministas, nos anos de 1960, tendo como problemática inicial a diferença social entre homens e mulheres (GROSSI, 1998). Segundo Butler (2013), sexo e gênero se distinguem ao ponto que o sexo é um aspecto biológico, enquanto o gênero é o conjunto de comportamentos designados ao sexo, construído sócio-culturalmente (BENEDETTI, 2005; SILVA, 2007; PAIXÃO; SANTOS; RAMOS, 2008; BUTLER, 2013).

No entanto, para Butler (2013), gênero não deve ser compreendido apenas como a inscrição cultural de significado do sexo, mas também como “meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2013). Bruns e Pinto (2003) apontam que além de social e cultural, o gênero é, conseqüentemente, uma construção histórica, e por isso plural, de modo que existem diferentes conceitos de feminino e masculino.

Em contrapartida, a noção de gênero enquanto construção social não é concebida por algumas sociedades, as quais estabelecem uma relação binária, ou seja, a ideia de gênero interligada a de sexo, sendo esta relação aprendida como natural, seguindo a definição homem/mulher, masculino/feminino, como perspectiva dominante. Dessa forma são construídas formas de viver e de se expressar como “adequadas” para determinado gênero (SILVA, BEZERRA; QUEIROZ, 2015).

Nesse contexto, Butler (2013) conceitua corpo abjeto, como aquele dos que possuem gênero que transita, não obedecendo ao esperado em relação à sua vivência em torno do gênero ao qual deveria pertencer, o qual foi predestinado ao nascer, essas pessoas também são conceituadas como transgênero. Nessa perspectiva, cabe conceituar a ideia de gênero aqui como sendo um espectro, ou seja, entendê-lo fora da lógica da existência restrita a dois polos, masculino e feminino, mas como flutuante dentro desta linha, existindo pessoas que ultrapassam os limites dos polos que não se identificaram exclusivamente e totalmente como mulher ou homem, mas que irão assumir diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, parcialidade, ageneridade, caracterizando assim o não-binarismo (REIS; PINHO, 2016).

Em meio a esta definição, pode-se citar algumas nomeações de gênero dentro da lógica não-binária, como pessoas bigênero, as quais identificam-se como pertencentes totalmente

aos dois gêneros; agênero, identidade em que os indivíduos assumem uma ausência de gênero; demigênero, em que as pessoas leem suas identidades como sendo parcialmente femininas ou masculinas e parcialmente alguma identidade não-binária tais as supracitadas (ESPECTOMETRIA não-binária, 2015).

Dentro desse espectro encontram-se também as pessoas transexuais, os quais são indivíduos que reivindicam, tanto no meio social, quanto legalmente, reconhecimentos acerca da sua identificação como sendo do sexo oposto (BRUNS; PINTO, 2003; JESUS, 2012). Destaca-se também que as pessoas transexuais podem se identificar como binárias, que se identificam exclusivamente e totalmente como homens ou mulheres, ou se identificarem como transexuais não-binárias em que possuem um dos dois gêneros no centro, porém não identificando-se como totalmente masculino ou feminino (ESPECTOMETRIA não-binária, 2015).

Segundo pesquisas realizadas por Pinto e Bruns (2003), esse processo de transição de gênero decorre do conflito da não sintonia entre a autopercepção corporal e o psíquico. A partir disso, os indivíduos buscam estratégias de construção do corpo e performance, para que estas representem e expressem suas identidades de gênero, desconstruindo o seu gênero de origem, utilizando como recursos a mudança de nome, o vestuário, tratamentos hormonais ou até cirurgias reparadoras.

Diante do exposto, nota-se que a transição de gênero traz diversas mudanças para o sujeito, mudanças subjetivas e pessoais advindas de conflitos internos, mudanças nas formas de expressar-se, de reconhecer-se no mundo e alterações de performances, e consequentemente, mudanças nas representações sociais. Quando este processo entra em conflito com o pensamento normativo sobre as maneiras adequadas de identidade de gênero, sendo estas restritas ao masculino e ao feminino, este pode tornar-se fator para a segregação, podendo resultar em restrições no acesso aos espaços de convívio social ou alterações nestes. Posto isto, cabe a reflexão e o questionamento de como esse processo de transição e tudo que está em seu entorno pode vir relacionar-se à aspectos ocupacionais de pessoas transgênero.

Assim, com o propósito analisar a relação entre a transição de gênero, o desempenho ocupacional e os papéis ocupacionais de pessoas transgênero, utilizaremos como aporte teórico o Modelo da Ocupação Humana (MOH). Visto que este considera não apenas fatores como comprometimento motor, cognitivo ou sensorial como dificuldades para realização

das ocupações, mas reconhece também o ambiente físico e social como potenciais facilitadores ou barreiras para o envolvimento em ocupações e a manutenção de papéis e rotinas (KIELHOFNER et al., 2011).

Nessa teoria, os seres humanos são constituídos de três componentes inter-relacionados, a volição, a habituação e a capacidade de desempenho, em que toda ocupação é resultado da interação dessas características internas dos indivíduos e as características do ambiente físico e social (KIELHOFNER, 2011).

Dentro desse Modelo, o foco investigativo para o presente estudo serão os papéis ocupacionais e o desempenho ocupacional. O primeiro corresponde a padrões de comportamentos aprendidos e associados a um certo status social ou identidade, por exemplo ao exercer o papel de pai ou mãe o indivíduo exibe ações e comportamentos que refletem o que é internalizado e socialmente identificado para esse papel (KIELHOFNER, 2011).

E o segundo foi conceituado primeiramente por Nelson (1988) como correspondente a execução, ao sujeito ativo na ação de ocupar-se, utilizando de suas habilidades e capacidades para o melhor desempenho possível e na definição de Kielhofner (2011) este consiste na capacidade de ocupar-se utilizando-se das habilidades físicas e mentais, assim como a experiência subjetiva, destacando também que o contexto físico e sociocultural podem exercer influência sobre esse aspecto.

Diante disso, faz-se imprescindível discutir e analisar os atores ativos no processo de ocupar-se dentro de suas circunstâncias sociais, culturais e históricas experienciadas. E principalmente, tentar compreender como o contexto vivido influencia no aprendizado, adaptação, desempenho e participação ocupacional, salientando também como o ambiente e as relações sociais influenciam nesses aspectos no sentido de propiciar ou restringir a saúde, a qualidade de vida e o bem-estar pessoal (CLARCK; LAWLOR, 2011).

Envolver-se em ocupações poderá ser influenciado por barreiras visíveis, como adversidades no espaço físico, na dinâmica ocupacional e nas habilidades diversas exigidas ou de maneira invisível, por meio de regulação social e de expectativas culturais. Nesse contexto, surge também o termo Justiça Ocupacional, o qual consiste no direito que todo indivíduo possui de ter oportunidades de engajamento em ocupações significativas e diversas, visando suprir suas necessidades básicas, autorrealização e pleno desempenho ocupacional (WILCOCK; TOWNSEND, 2011).

Em sua vivência cotidiana em diferentes contextos sociais, culturais e políticos, as pessoas experimentam influências em suas ocupações de educação, trabalho, lazer entre outras, assim como na possibilidade de se envolver na sua participação naquilo que julga significativo, independente de idade, sexo, sexualidade ou raça (TOWNSEND; MARVAL, 2013). Sendo assim, cabe investigar se as pessoas que se identificam como transgênero apresentam interferências em suas ocupações nos seus variados contextos de vida, seja no trabalho, na educação, no lazer ou no gerenciamento da saúde.

Diante do exposto, reconhece-se a transição de gênero pode vir a influenciar a concepção de identidade, a representação social do indivíduo e, dessa forma, a sua relação com o ambiente externo, principalmente se este contexto possuir pensamentos heteronormativos, no qual o público em questão é concebido como desviantes das normas sociais. Reflete-se então quais seriam as repercussões ocupacionais dessa vivência sobre as ocupações, os papéis ocupacionais e o desempenho ocupacional, haja vista que compreende-se que o ambiente social e cultural pode ser admitido como facilitador ou barreira do engajamento em fazeres significativos. Considerando essas colocações, a atual pesquisa terá como objetivo analisar a relação da transição de gênero no desempenho ocupacional e nos papéis ocupacionais de pessoas transgêneros.

2 JUSTIFICATIVA

O Brasil é o país com mais assassinatos registrados de travestis e transexuais, segundo levantamento publicado pela ONG *Transgender Europe* em novembro de 2016. Em números absolutos, 868 travestis e transexuais foram assassinados nos últimos oito anos, neste sentido, o país lidera o ranking com o dobro do segundo colocado, o México com 256 mortes (BALZER; BERREDO, 2016).

Além disso, a Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLBT), divulgou em dezembro de 2016 um estudo realizado com 1.016 jovens que apontou que 73% dos estudantes que não se declaram heterossexuais no Brasil já foram agredidos verbalmente na escola e as agressões físicas foram relatadas por um em cada quatro dos pesquisados. O estudo mostrou também que 55% ouviram, ao longo do ano anterior, comentários negativos especificamente a respeito de pessoas transexuais no ambiente escolar, e 45% já se sentiram inseguros devido à sua identidade/expressão de gênero (ABGLBT, 2016).

Em estudo prévio nas bases de dados Scielo, Bireme, LILACS, na Revista de Terapia Ocupacional da USP e Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar utilizou-se as palavras chaves: transexuais e terapia ocupacional; transgênero e terapia ocupacional; transexuais e desempenho ocupacional; transexuais e papéis ocupacionais; Transexuais e ocupações; Transgênero e terapia ocupacional; Transgênero e desempenho ocupacional; Transgênero e papéis ocupacionais; Transgênero e ocupações; transgender and occupational therapy; transgender and occupational performance; transgender and occupational roles; transgender and occupations; transgénero y terapia ocupacional; transgénero y desempeño ocupacional; Transgénero y roles ocupacionales; Transgénero y ocupación. Encontrou-se 14 artigos que relacionavam a terapia ocupacional com o público transgênero, desses 8 estão em língua inglesa (CLARKE; SWIMM, 2011; BEAGAN et al., 2012; BEAGAN et al., 2012a; BAR et al., 2016; PHOENIX; GHUL, 2016; ACKER, 2017; PECHAK *et al*, 2018; DOWERS *et al*, 2019), 3 em espanhol (ÁLVAREZ et al., 2016; MARTÍNEZ, 2017; SÁNCHEZ, 2018) e apenas 3 (BEZERRA; QUEIROZ, 2015; MELO, 2016; SILVA; JUNIOR; LOPES, 2017) em língua portuguesa. Diante disso, observa-se escassez em publicações com esse público na literatura nacional relacionada à Terapia Ocupacional. Este estudo se justifica no sentido de ampliar essas investigações que ainda são incipientes, além de surgir como uma forma de trazer visibilidade a esse público, contribuir para a literatura científica na área e para a sociedade no geral.

Souza (2018) realizou uma pesquisa de revisão da literatura para analisar como a transexualidade tem sido investigada nos últimos dez anos nas pesquisas científicas nacionais dentro da área da saúde. Foram utilizadas as bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online) e BIREME (Biblioteca Regional de Medicina/OPS) com os descritores transexualidade, gênero, sexualidade e identidade de gênero. Foram encontrados 33 artigos, porém apenas 11 desses obedeciam aos critérios de inclusão.

Ainda como resultados do mesmo estudo, as principais temáticas dos artigos eram sobre identidade transexual, representações de profissionais e acadêmicos da saúde sobre a transexualidade, experiências e trajetória de pessoas trans, atendimento e avanço das políticas para transexuais. Desta maneira, observa-se uma necessidade de mais pesquisas com esse público, ademais esse quantitativo fica ainda menor quando relaciona-se com a terapia ocupacional.

Além destas lacunas, há a motivação pessoal das autoras, a qual possibilitou o desenvolvimento do projeto. Esta baseia-se na formação pessoal e profissional pautadas na ética, na justiça e no respeito, assim como o interesse em promover os direitos humanos e a cidadania a qualquer indivíduo. A afinidade com o público transgênero surgiu concomitante ao contato com estes a partir de eventos acadêmicos da área da saúde e diversidade sexual.

Abordar temas atuais como esses são de extrema importância para o enriquecimento da profissão, visto que mediante a isso expande-se o espectro de atuação e pesquisa dentro da Terapia Ocupacional e cria-se demandas para a prática profissional, dando subsídios para que o terapeuta ocupacional conheça o contexto e os aspectos ocupacionais dos diversos públicos o qual ele poderá encontrar em sua atuação.

A pesquisa se justifica também pelo potencial de sensibilização dos Terapeutas Ocupacionais, dos demais profissionais da saúde e sociedade em geral acerca da temática, além de refletir a noção de justiça ocupacional e salientar que todos os seres são ocupacionais independente de raça, etnia, orientação sexual ou identidade de gênero, que necessitam e tem o direito de envolver-se em ocupações significativas. Dessa forma, presando por sua liberdade, autonomia, saúde, qualidade de vida e bem-estar (WILCOCK; TOWNSEND, 2011).

Além disso, as pesquisadoras prezam por uma Terapia Ocupacional que expanda os horizontes e assista aqueles em vulnerabilidade e déficits de inserção social, assim como diz o Código de Ética e Deontologia da Profissão – Resolução COFFITO 425, de 8 de Julho de 2013 no seu Artigo 9º, inciso VIII o qual destaca que o Terapeuta Ocupacional deve “contribuir para promover a universalização dos direitos sociais, o respeito e a promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, oportunizando no âmbito de sua atividade profissional o acesso e o exercício dos mesmos” (CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA OCUPACIONAL, 2013).

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Modelo da Ocupação Humana e Ocupação: conceitos e definições

O Modelo da Ocupação Humana tem como características o enfoque de sua teoria, investigação e prática centradas no cliente e na ocupação, buscando compreender assim a sua individualidade, seus valores, motivações, hábitos, papéis, contexto e ambiente pessoal. Por meio dessas informações buscará explicar como a ocupação é motivada, organizada e

desempenhada (KIELHOFNER, 2011). Ressalta-se que para compreender essa teoria e as conexões realizadas nesse trabalho tem-se como pré-requisito o conhecimento do conceito de ocupação, para só então debater as relações estabelecidas entre ela, as pessoas, os ambientes e os contextos.

O termo “Ocupação” é multidimensional e complexo, o que tende a suscitar diferentes visões acerca do seu conceito. Para Yerxa (1990; 1993) o termo refere-se às ações realizadas dentro do fluxo contínuo do comportamento humano, que são auto-iniciadas, possuem um propósito subjetivo, temporal, social e culturalmente sancionadas.

Além disso, as ocupações são constituídas de habilidades, incentivam repertórios adaptativos, são meios de organização do tempo e espaço e são tidas como essenciais à qualidade de vida, além de possuir capacidade de influenciar na saúde. Elas podem ser experimentadas como trabalhar, descansar, brincar, envolver-se com o lazer ou autocuidado (YERXA, 1990; YERXA, 1993).

Segundo Wilcock e Townsend (2011), ocupação são todas as coisas que as pessoas querem, precisam ou tem que fazer, as quais englobam as dimensões física, mental, social, sexual, política, espiritual ou de qualquer outra natureza, incluindo atividades de sono e repouso.

Kielhofner (2011) conceitua ocupação como a realização de atividades de trabalho, lazer e atividades de vida diária as quais ocorrem dentro de um contexto temporal, físico e sociocultural, que constituem a maior parte da vida do ser humano. Ressalta-se que tudo o que as pessoas fazem, sua motivação e a maneira que o fazem, o que pensam e sentem sobre elas derivam de condições impostas pelo tempo, espaço, sociedade e cultura. Essa conceituação será utilizada para embasar o presente estudo, por ser mais integrada e abranger todos os aspectos internos e externos envolvidos na ocupação humana.

Perante essa conceituação do objeto de estudo, as ocupações, faz-se necessário identificar as demais definições importantes para a compreensão do Modelo da Ocupação Humana. Tais como a volição, a habituação e a capacidade de desempenho, as quais são interligadas e tidas como constituinte dos sujeitos, que ao interagir com o ambiente resulta na ocupação humana.

A volição corresponde à motivação pela ocupação, todas as pessoas têm necessidade de engajar-se e envolver-se em fazeres diários significativos, esse é o motivo básico para a ocupação. Ela envolve pensamentos e sentimentos relacionados a possibilidade do fazer, a

escolha do que fazer, a experimentação e a interpretação do que foi experienciado (KIELHOFNER, 2011). Por exemplo, a ocupação educação pode ser motivada por representações atribuídas pelo sujeito, os quais dependerão de sua experiência de vida e cultura, podendo representar uma forma de melhorar sua situação financeira, adquirir conhecimento, status social entre outros.

A habituação descreve o processo de formação de um ciclo cotidiano organizado pelas ocupações. Em nosso dia-a-dia, costumamos realizar as mesmas atividades em contextos específicos, com comportamentos quase que automatizados, estabelecendo dessa forma padrões habituais do fazer. Esses padrões são modelados de acordo com os hábitos e papéis ocupacionais. Em que hábitos são as maneiras aprendidas de fazer as atividades e os papéis são a organização de um conjunto de comportamentos e atitudes associadas a um status definido socialmente, como o status de estudantes, trabalhadores, membro da família entre outros (KIELHOFNER, 2011). Os papéis ocupacionais são construídos através da cultura, por meio do qual é possível observar a forma como o indivíduo desempenha as ocupações necessárias para cumprir esse papel e a identidade percebida por ele (AOTA, 2015).

Segundo Branholm e Fugl-Meyer (1994), todas as atividades desempenhadas pelos indivíduos estão relacionadas com os papéis ocupacionais que estes assumem ao longo do tempo, além de nortear funções e obrigações referentes a ele em grupos sociais. Ademais, esses papéis são determinantes para a produtividade, visto que as atividades produtivas estão relacionadas a eles, além de contribuírem com a identidade pessoal, realizações de expectativas, organização do tempo e inserção do sujeito em uma estrutura social, por meio do comportamento.

Por fim, a capacidade de desempenho refere-se às capacidades físicas e mentais dos sujeitos e como elas interagem e são experienciadas no desempenho das ocupações. Está associada às condições dos sistemas musculoesquelético, neurológico, respiratório cardiovascular entre outros sistemas que são recrutados para a realização de determinada ocupação (KIELHOFNER, 2011).

Outro conceito importante que surge na análise das dimensões do fazer é o de desempenho ocupacional, conceituado por Nelson (1988) que ao estudar a relação do indivíduo com o seu processo natural de ocupar-se, introduziu dois importantes conceitos: forma ocupacional e desempenho ocupacional. A forma ocupacional é definida como um arranjo estrutural da ocupação, que irá organizar e orientar a performance do sujeito

destinada a atingir os objetivos específicos de determinada ocupação, ela representa a maneira como a ocupação será realizada em termos estruturais. Pode ser descrita por meio da caracterização dos estímulos físicos presentes no ambiente, os materiais, o espaço de execução, o contexto humano e social e o contexto temporal.

O termo desempenho ocupacional está intimamente ligado a forma ocupacional, haja vista que significa a execução, a ação, o comportamento ativo estabelecido pelo sujeito diante da forma ocupacional. Envolve a capacidade física, mental, social e emocional em desempenhar as ocupações e o que por elas é exigido. O desempenho ocupacional será diretamente influenciado por fatores pessoais ou interpessoais, sociais e culturais, as quais são externas e fora do controle do ser ocupante (NELSON, 1988).

Diante do exposto, e tendo em vista os aspectos ocupacionais aqui estudados e considerando os fatores internos e externos que influenciam e se correlacionam para a realização das ocupações, reflete-se como esse contexto se caracteriza nas vivências de pessoas transgêneros.

3.2 Transição de gênero e ocupações

Pessoas transgêneros são aquelas que não se identificam com o gênero atribuídos ao nascer, estes podem fazer parte de um espectro vasto de identidades de gênero, tais como transexuais binários, transexuais não binários, bigêneros, agêneros dentre outras anteriormente citados. Já aquelas pessoas que se identificam e sentem-se confortáveis com o seu gênero atribuído socialmente ao nascer, são chamadas de cisgêneros (JESUS, 2012).

A identidade de gênero, cis ou trans, é construída ao longo das vivências do sujeito, a qual será influenciada por fatores hormonais, psicológicos e principalmente pelas circunstâncias sociais em que o indivíduo se insere. Visto que as pessoas são seres sociais, o desenvolvimento da sua percepção sobre si e seu papel no mundo, terá forte influência das trocas de informações e experiências com os outros, ou seja, dessas interações sociais. Dessa forma, ele irá se identificar ou não com os comportamentos e atitudes relacionadas ao seu gênero de origem (DIEHL; VIEIRA, 2013 apud Silva *et al*, 2017).

De um ponto de vista ocupacional, um estudo realizado por Bar et al (2016) revelou que a insatisfação no desempenho de ocupações que não estavam de acordo com a identificação sua transgênero, foi a motivação, junto a estímulos psicológicos, para o início da transição de gênero, com as modificações para a externalização de sua identidade.

Dessa maneira, as ocupações são base para a percepção da identidade, como também são reconfiguradas para atender uma identidade de gênero e conseqüentemente uma identidade ocupacional, a qual consiste na reflexão sobre aquilo que é e o que quer se tornar como ser ocupacional, o qual é criado a partir de sua própria participação ocupacional ao longo da vida (KIELHOFNER, 2006). Sobre isso, Beagan et al (2012a) também complementa que:

“A identificação como LGBTQ não apenas molda a escolha, o significado e a experiência ocupacional, mas as ocupações também podem ser usadas para projetar, retratar, construir ou afirmar essa identidade. Mais uma vez, isso pode envolver lazer, autocuidado, ocupações produtivas ou relacionais”

Sendo assim, as pessoas transgênero desejam agir de acordo com o que sentem como seus gêneros, para isso buscam estratégias de modificações, como no caso de mulheres transexuais que adotam nome, aparência e comportamentos tidos como femininos socialmente. Isto é imprescindível para se viver integralmente, podendo exteriorizar o que é subjetivo, que poderá transmitir neles um sentimento de plenitude e bem estar físico e psicológico, sendo importante também que tenham aceitação social e respeito em meio a sociedade, pois isso ajuda na consolidação de sua identidade (JESUS, 2012; SILVA et al, 2017).

Sobre esse aspecto, Michael Warner em 1991 sugeriu que as sociedades ocidentais estão organizadas em um padrão de sexualidade regulador chamado de Heteronormatividade, o qual consiste em estabelecer uma modulação da forma como homens e mulheres devem se comportar, como seus corpos devem se apresentar e como as relações interpessoais devem ser constituídas. Por conseguinte, aqueles que não seguem o padrão de “normalidade” de sexo-gênero-sexualidade, culturalmente instituída e socialmente naturalizada, poderão ser excluídos e deixados à margem da sociedade (PETRY; MEYER, 2011).

Sobre as ocupações, Martínez (2017), levanta a hipótese que as pessoas trans vivem em uma situação de Apartheid Ocupacional (AO), conceituado por Kronenberg em 2007 como uma constituição social em que se estabelece que as pessoas são diferentes por natureza, havendo seres superiores (pessoas cisgênero) e inferiores (pessoas transgênero), culminando em uma organização sistêmica de poder, valor e segregação. Dessa forma, as

condições instituídas histórica e socialmente seriam base para a definição dos requisitos para a participação em ocupações, os detentores do poder e valor, e a negação do direito a participação àqueles considerados desviantes e indignos.

Dados da literatura sugerem a existência de injustiça ocupacional em pessoas transgêneros, como a privação em realizar ocupações como o uso do banheiro, situações de constrangimento em diversos espaços como instituições de ensino e saúde, espaços religiosos, ambiente laboral, o que por sua vez causa um distanciamento dessas pessoas desses espaços (SILVA; QUEIROZ, 2015; BEAGAN et al, 2012; SILVA et al, 2019; BAR et al, 2016).

Entretanto, esta não foi a única realidade encontrada, a literatura também traz dados de que após a transição de gênero os sujeitos ampliaram seus repertórios ocupacionais, como a participação dentro da comunidade LGBT, a possibilidade de envolver-se na ocupação vestir-se de maneira congruente com seu gênero, realizar ocupações relacionadas as mudanças corporais e hormonais. Resumidamente, lhes permitiu viver, por meio das ocupações, vidas mais de acordo com o gênero que sentiam, promovendo conforto e satisfação (BEAGAN et al, 2012a; BAR et al, 2016; DOWERS et al, 2019).

Posto isto, destaca-se que as pessoas trans, como quaisquer seres humanos, podem ter diferentes cores, etnias, classes, origens geográficas, religiões, idades, orientações sexuais, histórias de vida, vivências ocupacionais, sendo necessário analisá-las frente as suas singularidades.

Diante do exposto, por meio da percepção das mudanças provocadas pela transição de gênero e a maneira que esta pode vir a influenciar positivamente ou negativamente nos diversos aspectos que circundam as ocupações e, conseqüentemente, a satisfação e bem estar dos sujeitos, surge o desejo de investigar mais a fundo estes aspectos, estabelecendo como foco os discursos sobre as vivências pelos próprios transgêneros, para que estes, como sujeitos ativos de suas ocupações, possam apresentar suas configurações ocupacionais a partir do processo de transição de gênero.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar a relação entre a transição de gênero no desempenho ocupacional e nos papéis ocupacionais de pessoas transgêneros.

4.2 Objetivos Específicos

- Compreender a história ocupacional dos sujeitos antes e depois da transição de gênero;
- Descrever o desempenho ocupacional de pessoas transgêneros antes e depois da transição de gênero;
- Identificar a configuração dos papéis ocupacionais antes e depois da transição de gênero.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de Pesquisa

O estudo em questão tem uma abordagem qualitativa, descritiva e com delineamento retrospectivo. A pesquisa qualitativa surge como forma de responder questões muito particulares, relacionadas ao mundo das relações e das representações que dificilmente podem ser traduzidas em números. Ela se aprofunda a compreender significados, dos motivos, das aspirações, das crenças dos valores e das atitudes. Por se tratar de uma realidade não visível, esta precisa ser exposta pelos próprios pesquisados (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009).

Optou-se pela pesquisa descritiva pois, segundo Gil (2002), essa tem o intuito primordial de descrever características de uma determinada população ou fenômeno, ou até a identificação da existência de relação entre variáveis. Será utilizado o delineamento retrospectivo, o qual ainda de acordo com o mesmo autor, é definido como aquele em que explora fatos do passado com seguimento até o presente. Por meio das entrevistas os participantes do presente estudo foram estimulados a refletir sobre suas vivências passadas e em seguida compará-las com seu momento presente.

5.2 Ambiente de Pesquisa

Utilizou-se como via de acesso aos participantes a busca ativa por meio das mídias sociais. Em seguida, foram agendadas entrevistas em sala reservada na Faculdade de

Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará, em horários pré-estabelecidos. A sala possuía em seu mobiliário mesa, cadeiras, ar condicionado e era um ambiente restrito para deixar os participantes mais confortáveis e manter o sigilo das informações fornecidas. Houve exceções em que as pesquisadoras se deslocaram até o domicílio dos entrevistados, devido limitações por problemas de saúde que o impossibilitava de ir ao local supracitado.

Os primeiros participantes recrutados e que aceitaram o convite para participar da pesquisa, indicaram outras pessoas que se enquadravam nos critérios de inclusão. Observou-se que as pessoas transgênero mantêm uma rede de contato uns com os outros, o que facilitou a busca.

5.3 Participantes

5.3.1 Critérios de inclusão

Estabeleceu-se o quantitativo de 10 sujeitos. Foram incluídas pessoas que se autodenominavam transgênero, maiores de 18 anos, sem comprometimento cognitivo que dificulte a compreensão das perguntas contidas na entrevista e no protocolo aplicado, que estiveram de acordo em participar da pesquisa e assinaram o TCLE (APÊNDICE A).

5.3.2 Critérios de exclusão

Foram excluídas pessoas não transgênero, menores de 18 anos e pessoas que se recusaram a participar.

5.4 Instrumentos para coleta de dados

Foi utilizado um instrumento de avaliação do perfil ocupacional contendo também caracterização sociodemográfica do indivíduo (Apêndice B), o qual foi criado e adaptado com base nos conceitos e métodos de avaliação preconizados pela *American Occupational Therapy Association* relativos a avaliação do perfil ocupacional, o qual é definido como:

O perfil ocupacional é um resumo da história ocupacional e experiências, dos padrões de vida diária, interesses, valores e necessidades de cada cliente. Desenvolver o perfil ocupacional proporciona ao profissional da terapia ocupacional uma compreensão do ponto de vista do cliente e de seu passado (AOTA, 2015, p. 14).

As questões para identificação do perfil sociodemográfico envolve questões sobre idade, gênero, escolaridade, estado civil, trabalho, com quem reside e renda familiar em salários mínimos.

Foi realizada, ainda, entrevista semidirigida intitulada “Transição de gênero e desempenho ocupacional” (Apêndice C), a qual é composta por perguntas abertas, dando a possibilidade ao entrevistado de discorrer sobre o assunto. Apresenta como vantagem uma melhor produção da amostra da população, assim como permite uma interação entre entrevistador e entrevistado, que favorece o surgimento de respostas espontâneas (MARCONI; LAKATOS, 2007; GIL, 2011). Este instrumento aborda aspectos referentes ao desempenho ocupacional nas áreas: educação, trabalho, lazer e gerenciamento da saúde. Os participantes foram conduzidos a informar sobre seu desempenho ocupacional nas ocupações supracitadas e se vivenciaram alguma mudança nesse desempenho durante/após a transição de gênero.

Além disso, utilizou-se o protocolo Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais (Anexo A), o qual é um instrumento de origem norte-americana, criado pelo Terapeuta Ocupacional Frances Oakley, validado para aplicação no Brasil (CORDEIRO; JARDIM, 2005), que tem a finalidade de obter informações acerca dos papéis ocupacionais de um indivíduo ao longo do tempo e o grau de importância atribuído a eles. Por meio do inventário são recolhidos dados sobre a percepção do avaliado em relação à participação em papéis ocupacionais, o grau de importância que atribui a estes e a sua configuração ao longo do tempo. Apresenta dez papéis ocupacionais: de Estudante, Trabalhador, Voluntário, Cuidador, Serviço doméstico, Amigo, Membro da família, Religioso, Passatempo/Amador e Participante em Organizações. Há, também, a categoria outro, para indivíduos adicionarem outros papéis não listados (OAKLEY et al., 1986).

Nesse estudo, definiu-se que a transição de gênero será o marco para dividir o “momento passado” do “momento presente” para a aplicação do protocolo supracitado. Sendo assim, considera-se “momento passado” os papéis desempenhados antes da transição de gênero e “momento presente” a atual identidade de gênero do entrevistado. E “momento futuro” condiz com os papéis que ele pretende desempenhar a partir do dia seguinte ao dia da entrevista.

5.5 Procedimentos para coleta dos dados

Após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Saúde, do Instituto de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Pará (Parecer nº 3.470.937), iniciou-se a identificação dos participantes para a amostra de acordo com os critérios de inclusão supracitados. Em seguida, aqueles escolhidos foram convidados a participar da pesquisa e receberam esclarecimentos acerca de seus objetivos, a sua contribuição, o processo de coleta de dados, ratificando-se os riscos e benefícios. Ao consentir em integrar-se à amostra do estudo, foi solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mediante leitura prévia, além da entrega de uma cópia deste. As entrevistas foram agendadas e realizadas de acordo com a disponibilidade do pesquisado e das pesquisadoras, foram gravadas por meio de gravador do *Smartphone* com autorização prévia dos participantes. No mesmo dia aplicou-se o protocolo Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais e a avaliação do perfil ocupacional, com explicação prévia de seus objetivos e forma de preenchimento.

Como instrumento complementar para coleta de dados utilizou-se o Diário de Campo, com o intuito de registrar interlocuções e experiências que emergiram nas entrevistas e no ambiente da pesquisa. Esse dispositivo é amplamente empregado em pesquisas na área da saúde devido a seu potencial de promover a compreensão do objeto de estudo em suas diversas dimensões e interligações. Ele surge como uma forma de registro de dados que não são captados pelos outros instrumentos, como conversas informais, observações comportamentais durante a entrevista, reflexões e impressões pessoais do pesquisador frente seu objeto de estudo, as quais darão mais subsídio para a discussão. Araújo et al. (2013) destaca:

O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término (ARAÚJO et al., 2013, p. 54).

Por meio do diário de campo foram coletadas informações referentes ao período de início da transição de gênero, a participação em ONG's ou movimentos sociais, a presença de algum adoecimento psíquico, além de informações sobre situações vivenciadas que não puderam ser captadas pelos instrumentos supracitados.

5.6 Análise dos dados

Para o tratamento e análise dos dados das entrevistas e do perfil ocupacional foi utilizado o procedimento de Análise do Conteúdo, que pode ser descrita como um conjunto

de técnicas de análise das comunicações. Imersa nessa técnica foi realizada a análise do tipo temática, que consiste em fazer recortes de conteúdos contidos no discurso que revelam “núcleos de sentidos”, cuja sua presença ou frequência de aparição podem ser significativos para o objetivo analítico e teoria de base escolhidas para a pesquisa (BARDIN, 2016).

Conforme Bardin (2016), o método foi realizado em três etapas, a primeira consistiu na Pré-análise, que visa tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, construindo a partir disso um plano de análise. Nessa fase foi realizado a seleção dos documentos a serem analisados, que na presente pesquisa foram as entrevistas transcritas, fundamentadas nas hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. Para isso, foram executados três passos: 1) A leitura “flutuante”, em que as pesquisadoras entraram em contato com as entrevistas, penetraram em seu conteúdo, deteram as primeiras impressões e puderam emergir novas hipóteses; 2) Constituição de um corpus: foi selecionado, por meio de leitura exaustiva, um material homogêneo, representativo, pertinente e rico em informações correspondentes ao objetivo da pesquisa. 3) Formulação/Reformulação das hipóteses e objetivos: foi investigado se o que foi pré-estabelecido condiz com o encontrado, o que dará margem para uma readequação e novas descobertas. A segunda etapa foi o Procedimento de Exploração do Material, a qual representou o momento de estabelecer ligações entre as variáveis de acordo com os objetivos do estudo e organizar sistematicamente o conteúdo em categorias, que irá especificar os temas a serem discutidos. A última etapa foi o Tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, os resultados brutos foram tratados de maneira a serem relevantes para relacioná-los com os referências teóricos e a teoria de base do estudo. Nessa fase também poderão ser citadas sugestões e outras orientações para uma nova análise, caso observe-se que os resultados poderão ser mais significativos.

A discussão dos dados adquiridos por meio das falas dos entrevistados foi realizada embasada nos preceitos do Modelo da Ocupação Humana, para que dessa forma houvesse a análise acerca da relação entre a transição de gênero, o desempenho e papéis ocupacionais e, principalmente, compreender como esse fenômeno ocorre.

Os dados obtidos por meio da aplicação da Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais foram digitados e tabulados em planilhas no programa Excel, em seguida realizou-se análise descritiva dos resultados, por meio da observação das frequências absolutas e média de respostas apresentadas. Dessa forma, foi possível identificar os

principais papéis ocupacionais exercidos, quais os que mais sofreram alterações com a transição de gênero, quais foram perdidos e quais foram acrescentados ao repertório ocupacional.

5.7 Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Saúde (CEPS) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, com Parecer de nº 3.470.937 (ANEXO B) respeitando as normas de conduta em pesquisa com seres humanos descritas na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Todos os participantes assinaram, mediante leitura prévia, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Além disso, será mantido sigilo de identificação dos participantes por meio de pseudônimos criados por eles.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Características Sociodemográficas dos Participantes

Em relação à identificação de gênero, os participantes se autodeclararam de acordo com sua preferência, totalizando cinco nomenclaturas diferentes, sendo o gênero masculino o mais frequente entre eles, de acordo com a Tabela 1. Os participantes da pesquisa possuem entre 20 e 38 anos, em uma média de idade de 23,2 anos, assim como o nível de escolaridade mais frequente de Nível Superior, estando todos os participantes com o ensino médio completo. 100% (n=10) dos entrevistados relataram ser solteiros. Quanto à composição do lar, nenhum dos participantes relatou morar só, todos residem com pelo menos um familiar, em composição majoritariamente monoparental.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos

(Continua)							
Pseudônimo	Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Renda familiar
Pietro	Masculino	22 anos	Superior incompleto	Autônomo	Solteiro	Mãe	1,5 salário mínimo

Pseudônimo	Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Renda familiar
Petit	Não binário trans masculino	21 anos	Nível Técnico	Não	Solteiro	Pai, mãe, avó, tia, primos, namorado.	1,5 salário mínimo
Sebastian	Masculino	21 anos	Médio completo	Autônomo	Solteiro	Pai, avô, avó.	2 salários mínimos
Reginaldo	Masculino	20 anos	Superior incompleto	Entregador (autônomo)	Solteiro	Mãe e irmã	1 salário mínimo
Raoni	Agênero	21 anos	Superior incompleto	Autônomo	Solteiro	Mãe e namorado	1,5 salário mínimo
Moreh	Masculino	21 anos	Superior incompleto	Não	Solteiro	Avó	Mais de 2 salários mínimos
Noah	Não-binário	21 anos	Superior incompleto	Não	Solteiro	Tios	2 salários mínimos
Mar	Não binário trans masculino	24 anos	Pós-graduação incompleta	Professor de Ed. Física (Autônomo)	Solteiro	Mãe e irmãos	Mais de 2 salários mínimos
Carol	Feminino	24 anos	Superior incompleto	Não	Solteira	Mãe e irmãos	1,5 salário mínimo

Margarida	Feminino	38 anos	Pós-graduação completa	Psicóloga (Autônoma)	Solteira	Mãe e irmão	1,5 salário mínimo
-----------	----------	---------	------------------------	----------------------	----------	-------------	--------------------

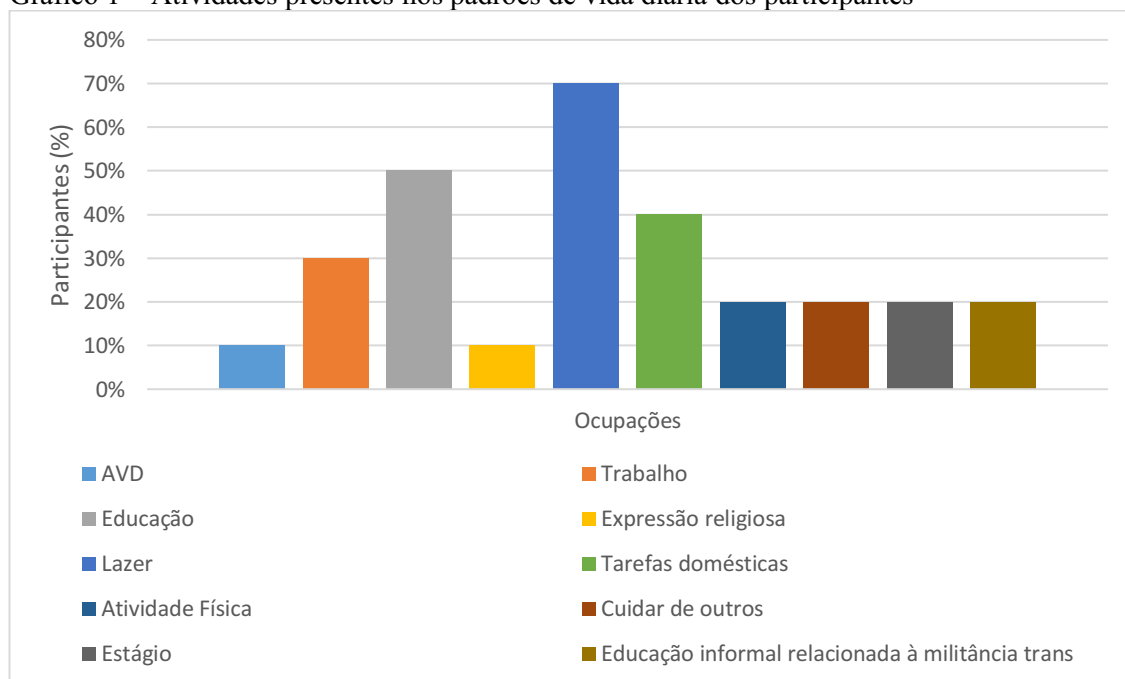
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Ademais, no que tange a atividade profissional, 60% (n=6) trabalham, de modo que todos eles não possuem vínculo empregatício formal. Em relação à renda familiar, nenhum dos participantes possui renda menor que um salário mínimo e apenas dois possuem renda de mais de dois salários mínimos.

6.2 Sobre o Perfil Ocupacional de Pessoas Transgênero

Em relação aos padrões de vida diária, a maioria perpassa por atividades de vida diária (AVD), lazer, participação na educação formal, tarefas domésticas, atividades laborais, expressão religiosa, lazer, atividades físicas, estágios acadêmicos, cuidado com outros e educação informal relacionada à militância trans, conforme demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Atividades presentes nos padrões de vida diária dos participantes



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A ocupação lazer foi descrita pelos participantes enquanto realizada aos finais de semana, como frequentar festas e passeios, e ao longo da semana por meio de atividades, como assistir filmes e tocar instrumentos musicais. Observa-se a realização dessas atividades

objetivando seu real propósito, sendo este a promoção do bem-estar a partir da preferência do indivíduo. Além disso, ressalta-se a manutenção do envolvimento no lazer após a transição de gênero

Quanto às mudanças percebidas pelos entrevistados em relação aos padrões de vida diária, nota-se uma constante entre mudanças positivas e negativas, sendo as negativas normalmente relacionadas a percepção social da identidade de gênero nos espaços em que essas ocupações ocorrem, como em relação à ocupação trabalho, conforme descrevem:

“Por exemplo, a questão do trabalho, ah você tá lá, no caso eu, como homem e tal, beleza, vai ser bacana e tal, mas aí quando eu dou a minha identidade, que ainda não é retificada, aí a pessoa “Ah, mas tu é mulher”. Aí tem esse obstáculo”. Pietro, homem trans.

“A questão da transição de gênero influenciou muito na questão do meu trabalho, por conta de, antes eu tinha muito mais facilidade em encontrar trabalho em escola, essas coisas do tipo, é... e depois disso, tem tem uma caída, né? Por conta da transexualidade”. Mar, homem trans não binário.

Os relatos presentes nas entrevistas de Pietro e Mar convergem com a literatura de Pedra et al. (2018), a qual retrata a forma como empresas, motivadas pela cisnormatividade¹, evitam ter suas imagens associadas às pessoas transgêneros, seguindo uma dinâmica observada no relato de Mar, de modo que antes da transição, dentro da normatividade de gênero, o mesmo encontrava facilidade na busca e aquisição de emprego, seguido de uma vivência oposta ao transicionar. Outrossim, como no estudo de Silva et al. (2015), nenhum dos participantes atua no mercado formal, reforçando uma dificuldade nesse acesso.

Observa-se também alterações em relação ao gênero expressado após o processo de transição e suas atribuições sociais, enquanto Moreh relata na sua vivência de homem trans:

“Porque assim, antes a minha família me via como uma mulher, então tem toda aquela questão da sociedade de “Ah, menina não pode sair muito tarde” ou “Não pode andar tanto sozinha” então eu tinha muito isso de ser privado de de sair ou alguma coisa assim por essa questão do medo da minha família, aí depois que eu comecei minha transição, né? Então parece que mudou totalmente, hoje em dia eu tenho uma liberdade de sair a hora que eu quero, entendeu?”. Moreh, homem trans.

¹ Como sugere Simakawa (2015), trata-se da imposição de uma normatividade de gênero pautada no sexo biológico que exerce um “efeito colonizatório” nas dimensões do ser.

Margarida, mulher trans, refere outras alterações referentes ao mesmo processo, relacionadas com o papel de gênero:

“Então, meio que da minha transição pra cá, eu acredito que houve talvez o reforçamento dessas atividades lidas como femininas historicamente, a mulher faz atividades domésticas e o cara vai pra fora. Tanto é que em vários momentos ela (mãe) dizia, tipo “ah, o café tá meio amargo, nem parece que é mulher”. Margarida, mulher trans.

A forma como, ao passar pela transição de gênero, os entrevistados perceberam alterações em questões relacionadas às funções sociais, retoma-se o conceito de Butler (2013) em relação ao gênero enquanto superfície neutra onde age a cultura. Dessa forma, ambos os entrevistados vivenciaram a atuação da cultura em seus papéis de gênero, influenciando em seus padrões de vida diária. Reflete-se sobre isso também as ocupações assumindo um papel de demarcar gêneros, em que a forma ocupacional, conseqüentemente, o desempenho ocupacional, e até a escolha ocupacional se difere quando relacionado ao gênero feminino e o masculino.

Outras mudanças também foram relatadas por alguns participantes, como alterações em funções mentais globais, como apatia e diminuição da motivação, as quais impediam Raoni de realizar suas atividades cotidianas, e a redução da interação social referida por Reginaldo. Em contraponto, a participação em eventos relacionados ao público trans, como rodas de conversa e palestras, foi destacada como uma nova atividade desempenhada após o processo de transição por dois participantes:

“Eu diria que em termos de rotina eu acentuei mais atividades fora de casa, por exemplo, atividades da militância, passei a discutir mais sobre esses assuntos”. Margarida, mulher trans.

“Na questão acadêmica também, porque depois da minha transição eu passei a ser muito mais ativo dentro da universidade, em palestras, em grupos e coisas do tipo”. Mar, homem trans não binário.

Além disso, três participantes apontaram o aumento do cuidado pessoal, em atividades de *Grooming*² e rotina de cuidados com a hormonização, após a transição de gênero:

² “Cuidados com o corpo, pelos, unhas e dentes” (AOTA, 2015).

“Depois da transição comecei a me maquiar, comecei a cuidar mais do meu cabelo, me preocupar em tomar hormônios”. Carol, mulher trans.

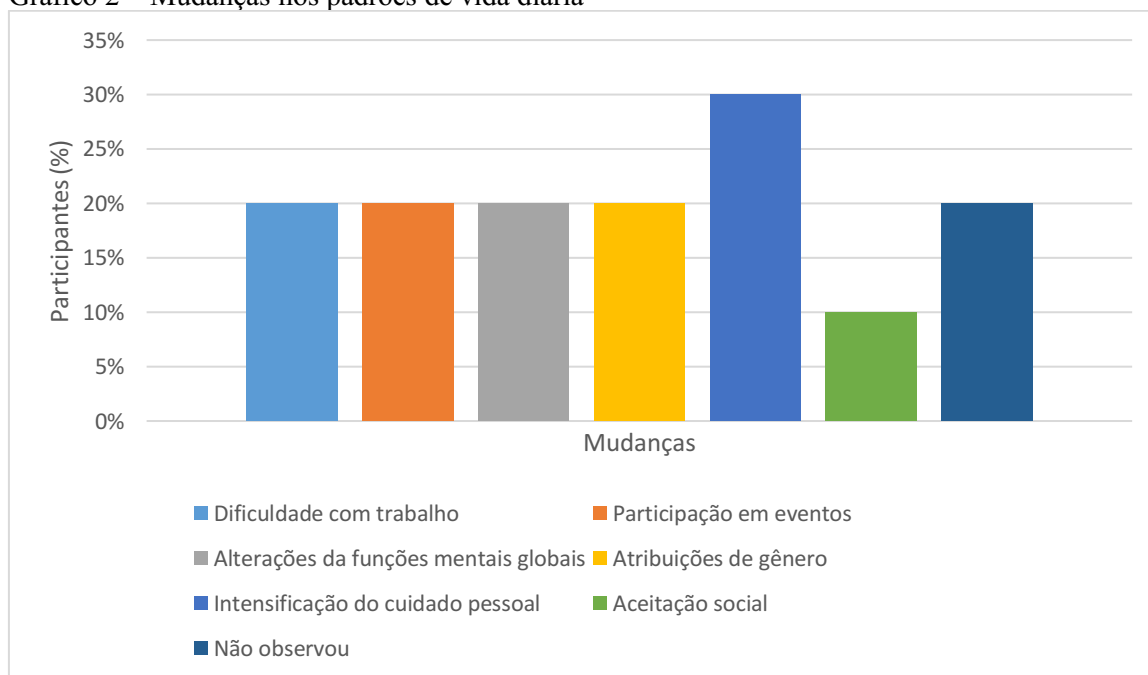
““Comprei um creme aqui para ti vai fazer isso”, começou essa insistência em me direcionar pra algumas atividades que outra hora eu não tinha né? Reforçar (...) o autocuidado na questão de higiene, que tinha que depilar, essas questões”. Margarida, mulher trans.

“Mudou muito porque tipo assim muitas coisas com relação ao tratamento, como eu tô falando para você, eu tenho que fazer escondido”. Sebastian, homem trans.

A intensificação do cuidado com a imagem, seja por meio dos hormônios ou de aspectos físicos, como cabelo, unhas e roupas, é abordada por Lanz (2014), em seu estudo, no qual reforça o objetivo dessas práticas como construção da identidade do gênero pertencente e consequente elaboração da passabilidade, a qual é citada por Rodovalho (2017), como uma agregação de características de pessoas cis, associada nas entrevistas ao uso da faixa, efeitos da hormonização, entre outros. Lanz (2014) relata a criação de um hábito, recorrente entre mulheres transgêneras, em relação à manutenção da maquiagem ao longo do dia, ainda que conscientes da passabilidade já possuída.

Ademais, dois entrevistados não observaram mudanças nos padrões de vida diária após o processo de transição, como demonstrado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Mudanças nos padrões de vida diária



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Quanto às barreiras percebidas pelos participantes em relação à realização de suas ocupações, identificou-se a presença de fatores diretamente ligados ao processo de transição, como o preconceito ao longo das atividades e receios durante o uso de dispositivos que favoreçam a identificação de gênero, no entanto outros não possuíam relação direta com a transição, como depressão e ansiedade, transtorno bipolar e desorganização, representados no gráfico 3.

Mar e Moreh destacaram o uso da faixa para a compressão das mamas como barreira em diferentes aspectos:

“A questão da faixa me impede muito de fazer, tem vezes assim que eu não quero fazer mais (palavra de baixo calão) nenhuma, que eu não quero ficar apertado, sabe?”. Mar, homem trans não binário.

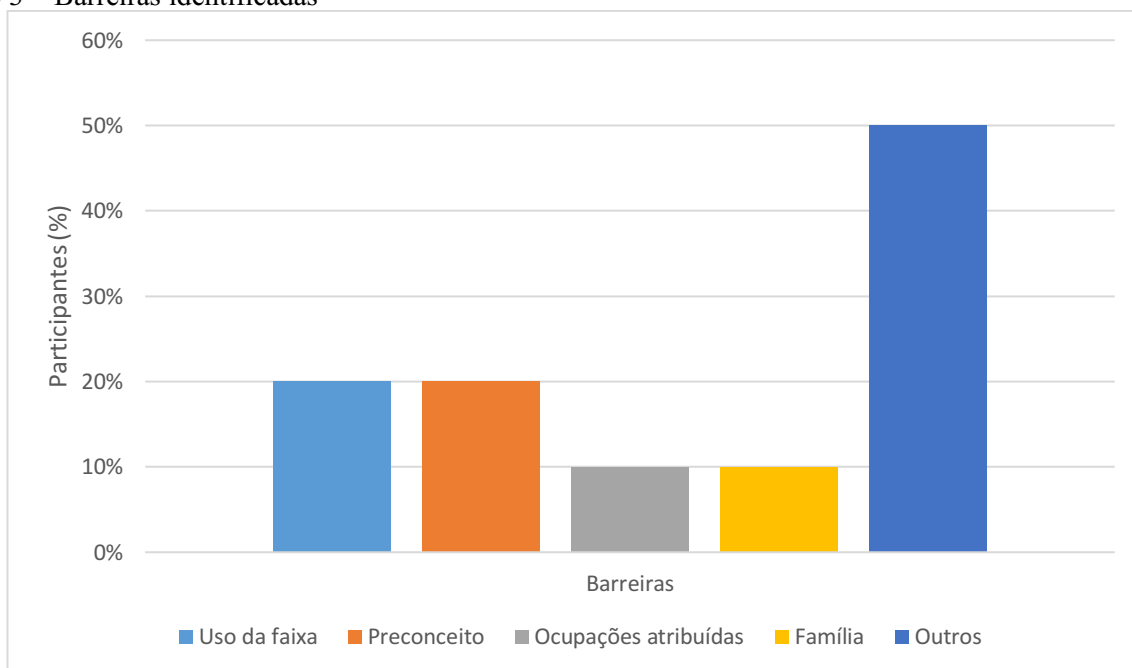
“É porque tem coisa assim que eu tento fazer ou coisa que eu fico receoso de fazer por conta do meu binder, que é essa faixa que a gente usa pra prender os seios, então às vezes eu tô fazendo alguma coisa, aí do nada quebra assim eu estar fazendo alguma coisa porque eu falo “Égua, poxa, tô usando isso aqui, será que alguém tá vendo? Alguma coisa?”. Moreh, homem trans.

O modo como Mar utilizava o dispositivo, em decorrência do desconforto físico, passou a interferir no desempenho de suas atividades, ao passo que para Moreh, a barreira se expressava por meio do medo do reconhecimento do dispositivo por parte das demais pessoas. O uso dos objetos, como a faixa e a prótese peniana, remete ao interesse de reconhecimento da identidade de gênero (RODOVALHO, 2017) e quando o objetivo pode não ser alcançado, gera-se o sentimento de medo, apreensão e insatisfação.

Margarida destaca novamente as ocupações as quais lhe foram atribuídas conforme seu papel de gênero como barreiras em suas ocupações por limitar o seu repertório ocupacional, relatada a seguir

“Então, eu percebo que o fato de me localizar nessas atividades especificamente voltadas pro gênero feminino, digamos assim, lidas como femininas socialmente, as atividades domésticas me impossibilitam de ter outras coisas. Por exemplo esse meu irmão, ele é separado, ele tem um filho que tem 12 anos, então eles dividem a guarda, né? (...) Então a mãe dele trabalha, o pai também, então eles jogam o pré-adolescente pra cima de mim, então teve várias vezes que eu tinha agendamento marcado com cliente e eu tive que desmarcar pra ficar com filho dele”. Margarida, mulher trans.

Gráfico 3 – Barreiras identificadas



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Sebastian identificou a família enquanto barreira, devido o desconhecimento por parte desta acerca da identidade de gênero dele, conforme expõe:

“A família é a minha maior barreira porque eu não posso ser quem eu sou né”. Sebastian, homem trans.

O medo de Sebastian de expor sua identidade de gênero para a família perpassa pela experiência negativa ao compartilhar dentro de casa a sua orientação sexual, antes de transição, como homossexual. Silva et al. (2015) e Martínez (2017) encontraram em suas pesquisas a família enquanto primeiro meio social a produzir preconceito e exclusão, afetando a subjetividade de transexuais. Estes dados representam a vivência de Sebastian e seus medos quanto a exposição da sua identidade para a família, o qual passou a realizar a hormonização escondido.

No que tange a esfera do preconceito, os participantes referiram a partir de suas experiências:

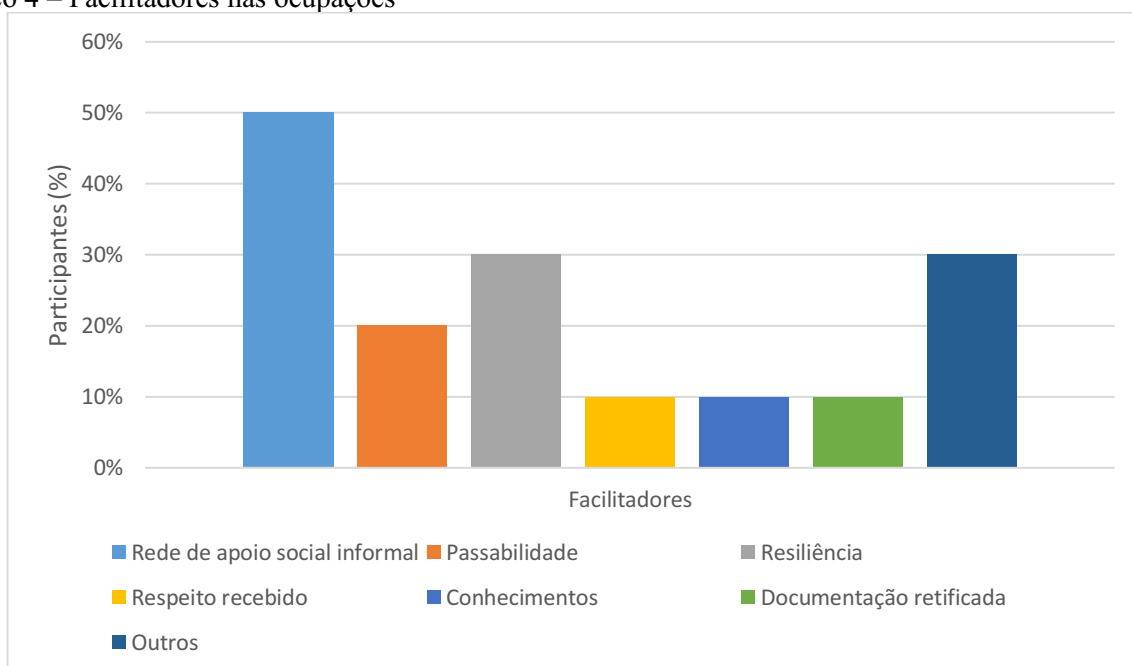
“(…) que as vezes a gente passa por muitos preconceitos, que deixam a gente cabisbaixa, mas a gente levanta e vai pra luta de novo que se a gente ficar parada é pior”. Carol, mulher trans.

“Eu acho que o preconceito pela ignorância e o preconceito por maldade... são os principais”. Pietro, homem trans.

O preconceito mostra-se presente de forma corriqueira nas vivências de algumas pessoas trans nos diferentes espaços sociais, como reflexo da concepção normativa de gênero pautado no sexo biológico (MONZELI, 2013; JESUS, 2013; SILVA et al., 2015; SILVA et al., 2017; MARTÍNEZ, 2017). Essas práticas, apontadas enquanto barreira por Carol e Pietro, são colocadas pela literatura presente enquanto potencial prejudicador no desempenho de diferentes atividades cotidianas. Apesar das experiências com o preconceito, Carol aponta mecanismos próprios de contorno dos efeitos das violências vividas.

Quanto aos facilitadores identificados pelos entrevistados em relação à realização das ocupações desejadas, as respostas apresentaram diferentes aspectos, sendo a rede de apoio social informal (família, amigos, membros de organizações, membros da religião, namorada) a que apresenta maior frequência em relação aos outros, nas quais os entrevistados relataram encontrar apoio e incentivo. Além desta, outros aspectos foram listados, como a passabilidade, a resiliência como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4 – Facilitadores nas ocupações



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Quanto à rede de apoio social informal, esta foi relatada em diferentes núcleos, sendo eles a família e relacionamentos entre pares, como Mar relatou

“Acho que ajuda psicológica de ter apoio da família, sabe? É... apoio é de relacionamento, então tem essa questão, ajuda muito, facilita bastante ter o porto seguro, né”. Mar, homem trans não binário.

Assim como a comunidade, por meio de membros de religiões, amigos e organizações sociais, como apontado por Sebastian:

“O que me ajuda mesmo são meus amigos as pessoas da minha religião do meu terreiro assim eles me ajudam bastante me dão forças para continuar e tal”. Sebastian, homem trans.

Ademais, Margarida também referiu:

“A militância, principalmente, para nós que somos LGBT é importante porque a gente encontra inter pares caminhos de olhar o mundo de outra forma e ter forças pra fazer uma outra leitura, então enquanto pra muita gente que está fora da vivência isso é um demérito pra gente não é. E aí os grupos, os espaços de debate de alguma forma me facilitam abrir caminhos, como? Eles me dão mais visibilidade, não só a mim como pro meu seguimento, a gente consegue ser lido para além de patologia, para além de limitações e somos lidos de fato como particularidades, né?”. Margarida, mulher trans.

Neste ponto, a família foi citada enquanto um dos facilitadores, ao passo que esta apresenta-se enquanto um núcleo de acolhimento e incentivos. Na presente pesquisa a média de idade dos participantes aponta uma amostra majoritariamente jovem, Monzeli (2013) expõe uma mudança sobre a relação estabelecida entre pessoas LGBT e seus familiares, de modo que percebe uma diferença geracional, na qual atualmente os vínculos têm permanecido.

O apoio recebido, seja por parte de familiares, amigos ou membros de instituições frequentadas, mostram-se fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo ao compor sua rede de apoio social (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015) caracterizada como um fator de proteção (SILVA; CERQUEIRA-SANTOS, 2014).

A resiliência foi citada por três participantes, sendo um deles Margarida a qual aborda, relatando sua trajetória enquanto pessoa trans:

“Nem sempre ser trans, desconstruir uma lógica de gênero é sofrível, né? Porque tem essa ideia que acham que a nossa vida é um “miserê”, né, de opressão, de preconceito, não deixa de ser, mas também tem as delícias, né, foi quando eu ressignifiquei essa lógica, eu fui do luto pra a luta. Eu ressignifiquei isso, bom, tô nesse lugar simbólico, nesse lugar de gênero, eu tô nessa vivência, Ok, sofri preconceito, transfobia, tá, isso é fato, não vou discutir, mas agora o que eu posso tirar de significativo disso que de alguma forma pode facilitar as minhas atividades, né?”. Margarida, mulher trans.

Carol trouxe este facilitador, relacionando ao fator financeiro, ao declarar:

“Eu não me deixo abalar por nada, se eu tiver lisa eu dou um jeito, eu me viro, vendo alguma coisa minha, eu vou pra onde eu quiser, dependendo da minha mãe é claro, né, mas eu sempre dou um jeito de conseguir aquilo que eu quero com o meu esforço mesmo”. Carol, mulher trans.

Em contraponto, Raoni abordou se referindo às estratégias que utiliza para concluir suas atividades:

“Um auto incentivo, acredito eu também que seja importante é... sei lá, tentar, assim, se desafiar, né? Que isso, acredito eu, que isso estimula o auto incentivo, acredito que se eu fizer algo que eu gosto e me compensar, aliás se eu fizer algo que eu não gosto, né? que eu tenho que fazer e me compensar acho que isso também acaba facilitando, né?” Raoni, agênero.

A passabilidade por meio dos seus elementos facilitadores foi citada por Mar em:

“A questão do... de ter a faixa, a condição de ter uma faixa, de ter algo pra comprimir os seios, tem a questão do packer, que é a prótese peniana também, faz com que ajude bastante pra ter o volume na calça, né? (...) a passabilidade, também, o fato de ter barba, de ter a voz um pouquinho mais grossa, isso faz com que facilite assim, mil vezes”. Mar, homem trans não binário.

Lanz (2014) aponta a passabilidade como uma forma de favorecer o reconhecimento da sociedade em relação ao gênero, repercutindo na satisfação pessoal e no convívio pessoal, além disso, esta funciona também como uma proteção contra as violências recebidas a partir do não convencimento referente ao gênero. Dessa forma, compreende-se a conotação facilitadora relatada ao longo das entrevistas, visto seu potencial nesses diferentes aspectos.

Além da passabilidade, Pietro complementa:

“A questão da documentação quando você é retificado, quando ainda tem características que as pessoas julgam serem masculinas ou femininas”. Pietro, homem trans.

Outros facilitadores foram abordados nas entrevistas, os quais não estavam relacionados diretamente com a transgeneridade dos participantes, sendo eles a realização de atividades físicas, apontada por Raoni em:

“Eu acho que atividade física também ajuda bastante, porque a gente acaba tendo disciplinas, né?”. Raoni, agênero.

Assim como o uso de agenda para solucionar uma problemática específica de organização de Reginaldo e o uso de bicicleta a qual facilita a mobilidade entre os espaços nos quais o mesmo desempenha suas atividades.

Quanto às preocupações acerca das ocupações desejadas, o gráfico 5 apresenta os pontos apresentados pelos entrevistados. A ocupação trabalho foi citada com maior frequência, abordada por Mar

“Hoje em dia a maior parte dos meus alunos não tem noção que eu sou um rapaz trans, eles pensam que eu sou um rapaz cis, e eu morro de medo assim de que algum dia eles peçam a minha identificação, sabe?”. Mar, homem trans não binário.

e por Moreh

“Eu fico com medo de alguma repressão, ou então, não sei, de algum paciente ou cliente ou usuário, eles acabarem não querendo ser atendidos por mim, isso às vezes me deixa muito retraído, em chegar, em como que vão me olhar”. Moreh, homem trans.

Ambos relatam seus receios relacionados às atividades laborais que desempenham atualmente, enquanto Margarida refere-se ao processo de procura e aquisição:

“Então, como uma mulher trans faz um currículo? Eu procurava na internet e não encontrava (...) então eu fiz esses testes, coloquei um só com o nome civil, fiz outros currículos com o nome civil e social e outros só com o social. Me chamavam nos que tinham só o nome civil e nos que tinham só o nome social, que achavam que era o civil também, o que tava com o nome civil e social nenhum dos locais me chamaram, porque já identificaram ali. Só que qual foi a questão, no que eu coloquei só o nome social e me chamavam, eles achavam que era uma mulher Cis e eu chegava lá e não era uma mulher Cis e eles barravam no RH que a minha documentação era masculina, ou então eu chegava a fazer processo seletivo e no final recebia a notícia, os que respeitavam o meu nome social ainda diziam “ah, você pode constranger os funcionários, eles não estão acostumados” como se eu fosse um ET e fosse causar um pânico, quando na verdade a mais vulnerável ali era eu, era mais fácil eu sofrer alguma coisa”. Margarida, mulher trans.

O uso do banheiro público foi citado enquanto preocupação, sobre a qual Pietro relatou

“Aqui ainda assim na universidade, o maior problema que eu enfrento é de não me sentir seguro no banheiro, porque eu uso box, então a maioria não tem tranca, né? Então a gente se sente inseguro de outra pessoa entrar, descobrir que você é Trans e violentar você por causa disso”. Pietro, homem trans.

Essa também foi citada por Reginaldo, ao relatar sua experiência ao longo da transição

“Então, eu às vezes tenho muita dificuldade, ainda tenho um pouco de barreira, mas não tanto quanto tinha antes quando eu era pré-T (antes da transição), que é em relação a ir ao banheiro, que eu me privava de ir no banheiro, eu esperava, tipo assim, imagina fazer isso na faculdade. Eu ficava o dia todinho só esperando pra chegar na minha casa ou em algum lugar onde o banheiro as pessoas não usem tanto, pra eu poder fazer xixi. Então, eu ficava segurando e isso me prejudicou muito, por bastante tempo, eu ficava com infecção urinária, eu ficava sempre reclamando de dor, porque eu ficava segurando o xixi por muito tempo. E tipo assim, depois que eu já comecei com a hormonioterapia, isso facilitou bastante, porque agora eu não me prendo mais tanto, não tenho mais tanto medo assim, então eu acho que uma das minhas ocupações foram alteradas, ainda tá em processo de mudança, é ir ao banheiro”. Reginaldo, homem trans.

O ato de fazer uso de um espaço que distingue em relação ao gênero, como o banheiro, soma-se à consolidação dessa identidade e para pessoas trans implica na vivência integral da sua existência enquanto sujeito (JESUS, 2012). No entanto, o uso do banheiro é discutido pela sociedade a partir de diferentes aspectos, argumentados por meio de possíveis abusos em banheiros femininos e não aprovação por pessoas conservadoras (GOMES, 2016). A partir disso, surgem outros aspectos relacionados à execução dessa atividade, como o receio por parte de pessoas transexuais, como Pietro e Sebastian, de serem vítimas de violência ou desaprovação.

Outra preocupação refere-se à ocupação lazer, Pietro, revelando um desconforto apresentado em uma atividade significativa, relata

“eu não posso ir na praia ficar de sunga, porque eu ainda não fiz a mastectomia”. Pietro, homem trans.

Em relação à não finalização das tarefas Noah e Petit referiram essa preocupação, sendo uma dificuldade pessoal:

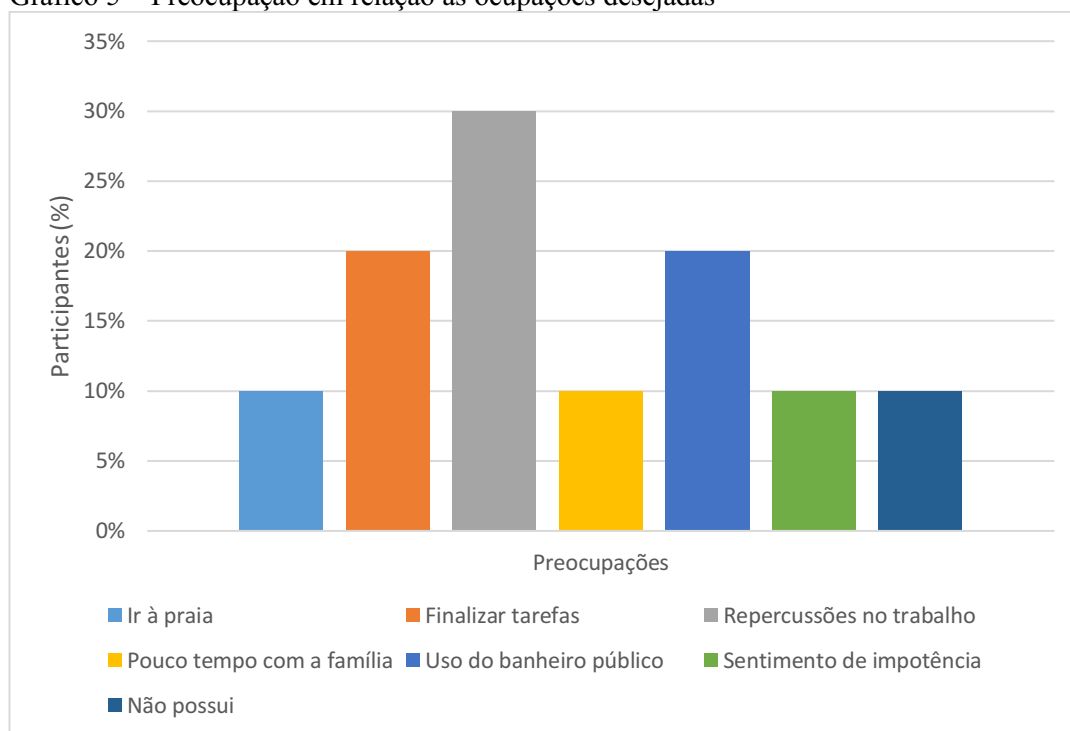
“geralmente eu fico preocupada em tentar terminar, porque eu tenho muita dificuldade em terminar uma atividade que eu inicio” Noah, não binário.

“Eu começo alguma coisa, aí eu já fico pensando se eu vou conseguir terminar, se vai ser bem-sucedido, se eu vou conseguir fazer com que tenha um bom resultado. Aí eu começo a acumular medos demais e acabo desistindo do possível projeto que eu tava construindo”. Petit, homem trans não binário.

O pouco tempo com a família apontado por Carol relaciona-se com o tempo destinados às outras ocupações que a mesma realiza ao longo do dia, as quais lhe impossibilita de destinar essa atenção aos seus familiares.

Um participante relatou não possui preocupações relacionadas às ocupações desejadas.

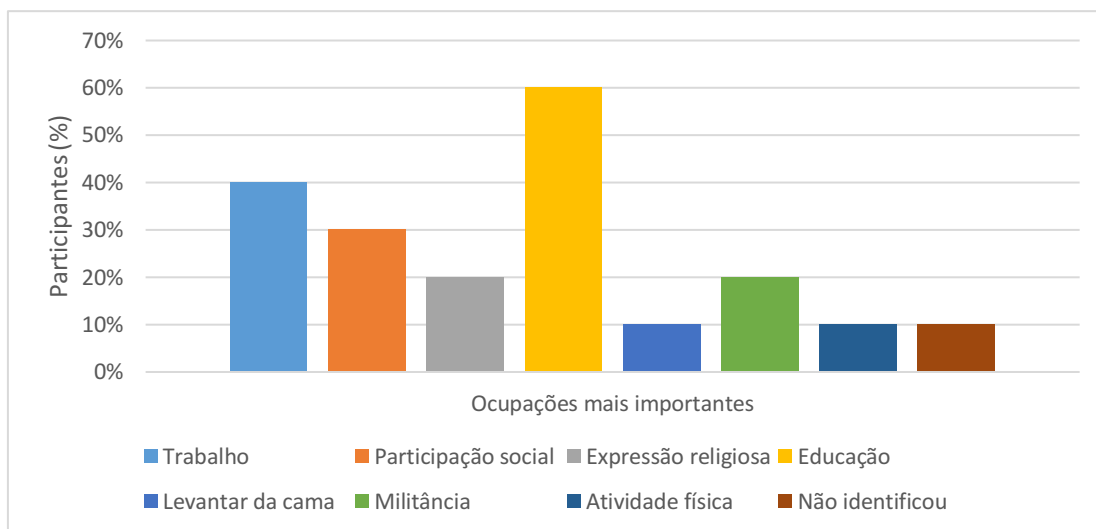
Gráfico 5 – Preocupação em relação às ocupações desejadas



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Quanto às ocupações listadas como mais importantes pelos entrevistados, o gráfico 6 mostra esse rol conforme foram citadas.

Gráfico 6 – Ocupações consideradas mais importantes



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A ocupação educação se mostrou a mais importante, seguida da ocupação trabalho. Este dado pode estar relacionado ao fato de a maior parte da quantidade de participantes desempenhar atividades educacionais e estar em idade produtiva. Um entrevistado não identificou as ocupações.

Noah referiu levantar da cama como sendo uma das mais importante relacionando com o transtorno mental que apresenta, o qual lhe impede de realizar algumas atividades cotidianas.

Quanto às atividades de militância, Moreh se refere às formas de utilizar os espaços que ocupa

“Eu sou muito voltado pra essas questões dos nossos direitos e de coisas que a gente tem pra se assegurar, né? Então eu me vejo assim, a gente sabe que a população trans não tá tão inserida nas universidades, então eu sou uma minoria entre eles e aí o que eu posso tá fazendo, né? É estando na faculdade e tentando dar visibilidade pra gente”. Moreh, homem trans.

Enquanto Margarida afirma

“Eu destaco como mais importante a minha inserção nos espaços de debate, as que eu realizo fora de casa, quando eu tô num seminário, numa mesa,

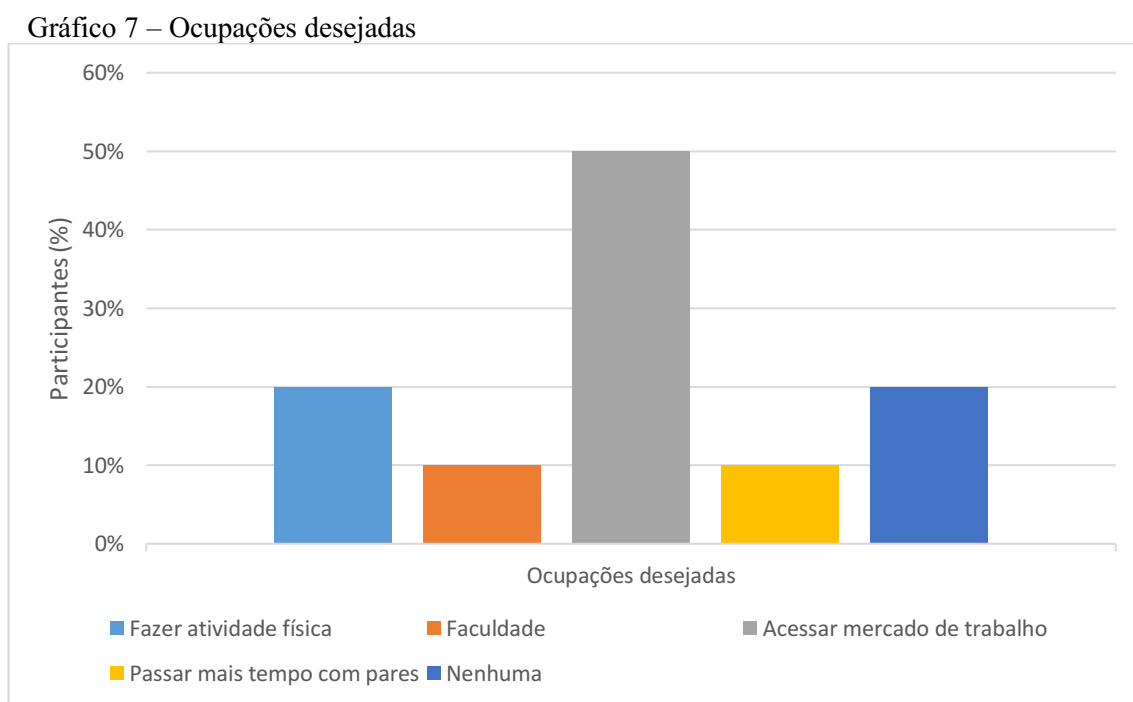
num debate, quando tô ofertando uma oficina, quando estou falando sobre”. Margarida, mulher trans.

O movimento trans tem ganhado mais visibilidade por meio da mobilização do público a partir dos locais que ocupam, similar ao que Moreh relata, e a partir disso, têm ganhado mais espaço, tanto nas redes sociais, a qual oferece uma facilidade maior na repercussão de informações, quanto fora da internet, através de espaços de organização (JESUS, 2012).

Os benefícios da participação social foram novamente relatados pelos participantes, Mar aborda

“Família também, meus irmãos, é... ter o apoio deles é maravilhoso, meu relacionamento, ela já me segurou numas barras assim, tensas, sabe? De querer desistir de tudo, então acho que é isso”. Mar, homem trans não binário.

Em relação às atividades que não realizam, mas gostariam de desempenhar, o gráfico 7 aponta os resultados obtidos.



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Quanto à realização de atividades físicas, Mar relatou suas dificuldades

“eu gostaria muito de ir pra academia, mas a questão da transexualidade afeta muito isso também, porque eu como personal e como profissional da saúde

tenho noção que eu não vou poder ir de faixa pra academia, mas quando eu chegar na academia eu fico “pô, eu vou ficar com meus seios expostos” aí já barra muito”. Mar, homem trans não binário.

O acesso ao mercado de trabalho foi a ocupação mais desejada visto seu papel social e a geração de renda, no entanto Carol apontou a partir da perspectiva de retomar uma atividade de seu interesse

“eu fiz alguns trabalhos como modelo, eu desfilei, fazia muitas sessões de fotos, fiz alguns comerciais, então era uma área que eu tinha o sonho de seguir, mas não foi pra frente essa questão de desfilas, a minha carreira não alavancou, então foi aí que eu decidi estudar, porque eu não queria tá trabalhando com prostituição, não queria tá fazendo cabelo, tá fazendo maquiagem”. Carol, mulher trans.

Enquanto Margarida refere-se às vagas de trabalho que não conseguiu ocupar, apesar de possuir formação qualificada

“(...) se eu sáisse, já com o nome retificado, com o currículo e voltasse lá pra minha periferia, desse de novo o meu currículo na farmácia de perto de casa, ainda assim eu não seria chamada, poderia até ser chamada, mas eu não entraria, ou seja, a esse local de pertencimento e de sociabilidade que eu poderia ter como balconista, enfim, vendedora de alguma coisa, eu não teria, é algo que eu queria ter essa simplicidade de estar, de poder ser vista como igual com os meus pares no local onde eu moro, entende?”. Margarida, mulher trans.

Compreende-se a relevância do trabalho para os participantes ao passo que este está presente enquanto ocupação importante, a qual mudou a partir do processo de transição, gerando preocupação, e, ao mesmo tempo, enquanto ocupação desejada. Silva, Bezerra e Queiroz (2015) e Pedra et al. (2017) reforçam a dinâmica de uma exclusão estrutural, a qual acarreta a falta de representação e acesso ao mercado de trabalho por parte do público trans.

Dois entrevistados não identificaram ocupação as quais gostariam de realizar, mas não realizam.

6.3 Sobre o Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero

Os resultados obtidos por meio da entrevista semidirigida aplicada aos participantes, nos revelou como caracteriza-se o desempenho ocupacional dos participantes nas ocupações: Educação, Trabalho, Lazer e Gerenciamento de saúde. A partir do qual buscou-se identificar as possíveis mudanças no engajamento dessas ocupações após/durante a transição de gênero.

Para o Modelo da Ocupação Humana, o desempenho vai além de aspectos físicos ou cognitiva, mas fundamenta-se na experiência subjetiva como foco do desempenho e a inter-relação entre eles. Desta forma, a experiência não é simplesmente uma consequência do fazer humano, mas torna-se fundamental, pois é a partir dela que o indivíduo tem contato e aprendizados sobre determinada ocupação e reconhece, por meio disso, sensações geradas no corpo vivido. O corpo vivido é a experiência particular vivida por um corpo único e subjetivo dentro de um fazer ocupacional. Portanto, a maneira como se sente ao participar de uma ocupação é o que guiará o desempenho (KIELHOFNER, 2006).

Os dados do presente estudo refletem as experiências subjetivas vivenciadas pelo corpo vivido de cada participante, e este será o norte para a análise da configuração de seu desempenho ocupacional. As sensações despertadas ao envolver-se em ocupações nas pessoas transgênero da pesquisa, guiará seu desempenho.

6.3.1 Desempenho Ocupacional de pessoas Transgênero na Ocupação Educação

Antes de iniciar a análise das entrevistas em si, vale ressaltar a escolaridade dos participantes e em que momento de suas vidas acadêmicas encontravam-se quando iniciaram o processo de transição de gênero, destaca-se também que a demarcação sobre o começo deste processo foi identificada com base na própria concepção dos entrevistados.

A maioria da amostra da pesquisa possui Ensino Superior Incompleto, correspondendo a 60% (n=6) dos sujeitos, seguido de Ensino Médio Completo, Ensino Técnico Completo, Pós-Graduação incompleta e Pós-Graduação Completa, representando 10% do montante cada.

Dos participantes, 10% (n=1) iniciou a transição de gênero no momento de passagem do Ensino Fundamental para o Médio, 30% (n=3) estavam cursando o Ensino Médio, 20% (n=2) começaram a transicionar após o término do Ensino Médio e 40% (n=4) estavam cursando o Ensino Superior quando iniciaram a transição.

Sabe-se que o contexto escolar constitui como um importante espaço de ocupação, no qual os indivíduos interagem com as pessoas e o ambiente e tornam-se sujeitos sociais. O processo de construção de sua identidade está intimamente ligado com essa socialização, visto que as diversas práticas na escola irão influenciar o modo como as pessoas se entendem e se expressam, enxergando o entorno e a se próprio, além de que essa construção também

ocorre pela comparação de histórias de vida (REIS; PINHO, 2016; BARROSO; CARDOSO, 2018).

Esse fator foi observado no presente estudo, na medida em que a construção da identidade de gênero dos entrevistados perpassa pela interrelação do pensamento subjetivo e a relação com os espaços de convívio, principalmente o ambiente escolar, onde o processo de transição se iniciou para a maioria.

Nas entrevistas os participantes expuseram sobre a sua entrada e permanência nas instituições de ensino que frequentaram. Os dados revelam que, ao remeter-se ao período antes da transição, todos os participantes transexuais relataram que se sentiam deslocados e diferentes da realidade dos outros alunos, o que em muitos gerou um conflito interno sobre seu gênero e sexualidade, todos externaram, primeiramente, uma identidade homossexual e posteriormente se identificaram como pessoa transgênero.

Isto também foi observado no estudo de Reis e Pinho (2016) em que, ao realizar entrevistas com cinco pessoas transgênero, verificou-se que o processo de identificação em determinado gênero ocorre de forma gradativa, em que primeiramente há a expressão de alguma sexualidade divergente da heterossexualidade, seja gay, lésbica ou bissexual.

Segundo entrevista de quatro participantes, por apresentarem comportamentos tidos como desviantes ou diferentes daqueles esperados para o seu gênero, como a maneira de se vestir, a aparência, o envolvimento em atividades ditas “masculinas” ou “femininas”, eles vivenciaram situações de bullying, preconceito e agressões verbais no ambiente escolar. Como é possível observar a partir dos seguintes relatos:

“Antes da transição era uma coisa bem complicada, porque desde muito cedo eu tive esteriótipos que as pessoas costumam dizer que você parece com algo, que diziam que eu era muito masculino. Então, isso era uma barreira na questão da escola, tanto pelos professores quanto pelos próprios alunos, na questão do bullying, na questão do assédio, na questão da violência” Pietro, Homem Trans.

“Eu tive muita dificuldade porque eu sofri muito bullying, porque desde de crianças eu sempre gostei... eu sempre fui diferente entre aspas, assim, e... eu sempre gostei muito de brincar com os meninos, eu não tô criando nenhum estereótipo, mas era o que acontecia comigo. Eu sempre gostei muito de brincar com os meninos, eu gostava de carrinho é... e essas coisas de jogar bola... aí eu sempre sofri bullying por essas questões, que me chamavam de sapatão, essas coisas e tal” Moreh, Homem Trans.

Na literatura são encontrados resultados similares, em que Saleiro (2017) expõem que é recorrente no discurso de pessoas transgênero a percepção de que eram notadas como

estranhas por não corresponderem às expectativas de seu gênero, antes mesmo de se identificarem como pessoa trans. Esses estranhamentos muitas vezes resultam na prática de bullying, a qual é tida como a face mais visível dos problemas enfrentados na escola por pessoas em diversos termos de gênero.

Os participantes agênero, não binário e três transexuais relataram que não tiveram dificuldades nesses aspectos e sua rotina escolar antes da transição se deu de maneira tranquila.

“Na época do fundamental e ensino médio era tranquilo [...] Sempre foi sem problema nenhum, sem tantas barreiras assim” Noah, Não Binário.

“Então, no fundamental e médio foi, foram muito tranquilas até porque no nível médio eu me identifiquei como é... uma menina lésbica, né, na época, é... e eu tive muito apoio quanto a isso, minha família sempre me apoiou muito, então não tinha tanto problema” Mar, homem trans não binário.

Como resposta para tentar integrar-se ao ambiente escolar, um participante declarou que buscou adaptar seu comportamento passando a performar uma feminilidade, agindo da maneira esperada socialmente para o seu gênero afim de se encaixar dentro de uma lógica heteronormativa. Mas para isso, reprimiu seus desejos e sua identidade.

“eu já tentei performar uma feminilidade, eu emagreci, foi uma época que eu emagreci um pouquinho e eu tentei performar, só que era uma coisa que me deixava meio estranho porque eu tinha que performar aquela feminilidade que a sociedade diz “pra” gente, né? Aí eu “tava” na época da puberdade e as meninas “tavam” ficando com todos os meninos da escola e eu fiquei um pouquinho assim “não, poxa” eu já usava umas calças mais largas, eu gostava, aí eu falava “não, tenho que comprar uma calça mais apertada, tenho que, né? me mostrar” e foi aí que...eu fui ficando mais feminina entre aspas [...] e aí foi que eu consegui ir interagindo mais com o pessoal, aí foi que não sofri tanto em relação à essas coisas porque eu tentava meio que oprimir as minhas vontades” Moreh, Homem Trans.

Algumas pessoas transgênero enfrentam uma pressão para a normatividade de gênero, o que faz com que tentem deliberadamente assumir papéis ocupacionais e usar as ocupações para retratar um determinado gênero e ocultar a sua “confusão” com relação ao seu gênero afim de se encaixar na sociedade, mas para isso em parte suprimem suas identidades de gênero e adequam suas escolhas ocupacionais, como é observado na vivência de Moreh (BEAGAN et al, 2012a).

No que tange a participação nas disciplinas institucionais e extracurriculares, a maioria dos participantes não tiveram seu desempenho prejudicado, porém uma disciplina citada por dois entrevistados foi a de Educação Física, devido o seu histórico de binarismo, em que as atividades são divididas de acordo com o gênero, esportes de “meninas” e de “meninos”, essa divisão acabava excluindo a pessoa trans que não se encaixava em nenhum dos dois polos. Além disso, uma participante referiu dificuldades de engajamento em disciplinas que exigiam trabalhos grupais, devido a não aceitabilidade dos colegas de turma com relação à sua identidade de gênero.

“Na Educação Física vinha um outro empecilho que geralmente os professores separavam homens e mulheres, aí a travesti e a trans no meio, ninguém sabe pra onde ela vai, ninguém sabe onde ela fica e o preconceito na disciplina de educação física era mais latente, assim, era onde a gente percebia mais, principalmente por essa divisão de gêneros, mulher vai jogar “queimada”, vai jogar vôlei e o homem futebol, aí as vezes a gente ficava sem nenhum nem outro, ficava sem nenhuma outra atividade, só cumpria mesmo porque era disciplina obrigatória” Carol, Mulher Trans.

Observa-se na fala da participante Carol que as práticas escolares poderão servir como reforço de um do ideal binário imposto, dentro dessa lógica, a disciplina Educação Física institui-se como instrumento para isso. A literatura também corrobora com esse dado, a maioria das escolas ainda adotam uma prática de educação física segregada, em que existem “esportes específicos para determinado sexo”, exaltando o binarismo. Quando a identidade de gênero é negada, o indivíduo prefere se abster de realizar a disciplina ou os próprios professores cedem a dispensa à esses alunos. Destaca-se que a implementação de uma Educação Física com dinâmicas mistas promove impactos positivos na socialização trans (BARROSO; CARDOSO, 2018; REIS; PINHO, 2016; FRANCO, 2016).

Depois da transição de gênero, para alguns indivíduos da pesquisa a ocupação Educação foi alterada, na qual passaram a ter dificuldades principalmente nos relacionamentos interpessoais e institucionais, que acabavam por interferir no desempenho desta ocupação, desestimulando os indivíduos a permanecerem no seu percurso acadêmico. Destacam-se como principais barreiras o não reconhecimento do nome social por professores e alunos, a não aceitação social de sua identidade de gênero e situações de preconceito e constrangimentos. Ao falas a seguir ilustram isso:

“Eu tinha dificuldades de estar em grupos, justamente por essa não aceitabilidade e eu acabei também de alguma forma me isolando e isso acabou me prejudicando [...] tanto é que lá (UEPA) fui reprovada em duas disciplinas e aqui (UFPA) eu fiquei em dependência um bloco inteiro[...] as pessoas da minha turma não me chamavam pelo meu nome social, ninguém [...] só me chamavam pelo meu nome civil, todo mundo e aí começava me dizer “Para com isso, tá ficando feio”, “Não é necessário você ser dessa forma, porque eu tenho amigos que são gays, mas todos são homens” [...] então tinha essa questão da não aceitabilidade, tentavam me moldar, entende?” Margarida, Mulher Trans.

“Foram essas barreiras da instituição, de sofrer preconceito por professores [...] eu já me identificava como mulher e alguns professores não queriam me chamar pelo nome feminino [...] isso era uma forma de eu não querer estudar, de pensar em largar meus estudos” Carol, Mulher Trans.

Beagan et al. (2012) em sua pesquisa expos que algumas pessoas transgênero vivenciam uma pressão para terem comportamentos típicos em seus gêneros e que isso pode interferir na escolha ocupacional do indivíduo. No relato de Margarida verifica-se esse incentivo das pessoas ao seu redor para que ela interrompesse sua transição na tentativa de deslegitimar sua identidade e moldar seu comportamento, porém em seu caso, a escolha ocupacional não foi afetada, mas sim o seu desempenho da ocupação educação.

Assim como relatado na presente pesquisa, a literatura também apresenta o uso do nome social e o tratamento adequado ao gênero expressado como as principais dificuldades encontradas por pessoas transgênero. Em que a utilização de palavras com um gênero gramatical e um nome com os quais não se identificam é sentida como uma negação de sua existência. Essas práticas podem desencadear percursos escolares atribulados, podendo resultar em suspensão do percurso escolar ou o abandono escolar precoce (FRANCO, 2016; SALEIRO, 2017)

O contrário também esteve presente nos dados do estudo, para outros participantes, após a transição de gênero receberam acolhimento de alunos e professores, até mais do que antes da transição, o que atuou como facilitador no desempenho dessa ocupação. Outro fator tratado como facilitador, é a passabilidade, citada anteriormente, a qual é citada como forma de se integrar a sociedade e adquirir mais respeito.

“Passei pela transição já na faculdade. [...] eu acho que a ocupação da faculdade, a da universidade, foi uma das que eu me senti mais à vontade pra ser eu mesmo, foi aonde eu consegui é... desempenhar melhor o meu papel né? Ali dentro sendo o que eu sou e sendo respeitado por isso, por o que eu sou, né? Tem sido uma experiência ótima, muito boa” Raoni, agênero.

“Antes (da transição) as pessoas, as crianças e os adolescentes que estudavam comigo, pra eles era uma coisa estranha, uma coisa assim de se afastar mesmo, eles achavam anormal [...] Só que depois da transição, eu consegui mais respeito, as pessoas que eu conheci depois da transição foram bem menos invasivas, bem mais respeitosas, eu tive mais acolhimento do que antes, uma coisa assim de se admirar, né?” Petit, Homem trans não binário.

“Antes da transição tinha um problema muito grande [...] E quando você chega no resultado, que na questão é passabilidade, então o problema diminui a um ponto bem drástico” Pietro, homem trans.

Diante disso, ressalta-se que o encontro com pares parecidos ou dispostos ao diálogo abrem margem para a inclusão e representatividade, tornando o ambiente escolar com uma configuração de mais acolhedor e atrativo. A escola ao mesmo tempo que pode assumir o papel de potencializadora da exclusão, como percebido nos relatos anteriores, pode também ser agente da inclusão, principalmente, a partir da participação ativa dos alunos e professores, imprimindo um pensamento mais receptivo as diversidades de gênero (REIS; PINHO, 2016). E desta forma atuar positivamente sobre o desempenho ocupacional de pessoas transgênero.

Segundo os entrevistados, alguns fatores foram cruciais para o seu envolvimento ou a dificuldade dele na ocupação Educação, destacam-se além das relações interpessoais, a presença/ausência de debates e discussões sobre o tema e outras pessoas LGBT no seu convívio, o desconhecimento acerca de pessoas transgênero, a participação em movimentos sociais como forma de empoderamento, a retificação do nome social e a maior passabilidade. Como demonstram os relatos a seguir:

“No tempo que eu estudei no Ensino Médio e Fundamental não tinha tantos debates, não tinha tanta discussão sobre população LGBT, sobre população trans, não tinham muitos direitos garantidos [...] E hoje em dia já é mais “de boas” “pras” meninas trans” Carol, Mulher Trans.

“Eu não tenho tanta dificuldade, eu não passo por muita coisa pelo meu privilégio, entre aspas, da passabilidade cis, que eu não sofro muito preconceito onde eu vou assim” Moreh, homem trans.

6.3.2 Desempenho Ocupacional de pessoas Transgênero na Ocupação Trabalho

Na presente pesquisa, 50% (n=5) dos indivíduos exercem a ocupação trabalho, dos quais todos são trabalhadores autônomos, conseqüentemente, 50% (n=5) não exercem essa ocupação no momento. Nota-se que a maioria dos entrevistados não trabalham formalmente, mas exercem atividades em empreendimentos familiares ou por conta própria. Apenas uma participante trabalhou formalmente após a transição de gênero.

Antes da transição de gênero, 40% (n=4) trabalharam, em que dois eram trabalhos formais. A baixa porcentagem de indivíduos que não exerceram a ocupação trabalho antes da transição e durante pode ser justificado pela pouca idade dos entrevistados, a média de idade encontrada foi de 23 anos, ou seja, a grande maioria começou a transição muito jovens e esta ocupação não fazia parte dos seus padrões habituais do fazer.

Ressalta-se também que o quantitativo de pessoas que trabalharam formalmente antes da transição foi maior que os que trabalharam depois da transição. Esse dado nos sugere diversas possibilidades de explicação, dentre elas sugere-se que a identidade de gênero influencia na obtenção de trabalho formal.

Quanto ao aspecto de procura e aquisição de emprego as pessoas transexuais podem ser prejudicadas devido o antagonismo existente entre o nome contido na identidade e o corpo e que apresentam, sugere-se que essa visibilidade dupla de nome social e de nascimento se apresenta como um empecilho. Em acordo com a literatura, alguns participantes relataram dificuldades devido a dualidade no currículo e na expressão de gênero, o que já servia de pré-requisito para sua não aceitação no ambiente laboral. Margarida foi explicitamente privada de um adquirir um emprego devido sua expressão de gênero e Petit passou por constrangimentos durante a entrega do currículo, por não apresentar a aparência que é esperada para o seu gênero culturalmente caracterizado, como é exposto abaixo:

“Aí diziam “o currículo é todo masculino”, tá mas tem nome social, será que eu coloco o meu nome social no currículo? [...] coloquei um só com o nome civil, fiz outros currículos com o nome civil e social e outros só com o social. O que tava com o nome civil e social nenhum dos locais me chamaram[...]No que eu coloquei só o nome social e me chamavam, eles achavam que era uma mulher Cis e eu chegava lá e eles barravam no RH que a minha documentação era masculina, ou então eu chegava a fazer processo seletivo [...]ainda diziam “ah, você pode constranger os funcionários, eles não estão acostumados” como se eu fosse um ET.” Margarida, Mulher Trans.

“Eu vou entregar currículo eles já me olham da cabeça aos pés, pra ver se tem alguma coisa, como eu não uso nada pra esconder os meus seios, eu já não uso faixa [...] eles focam diretamente lá. Aí eles param pra reparar no resto do corpo, aí eles veem que não bate a informação pra eles, né. Já entreguei currículo a “torto e a direita” nunca tive resposta de ninguém.” Petit, Homem Trans não Binário.

Outros apresentaram em suas falas insegurança em expor que são transexuais no ambiente de trabalho ou no momento da procura de emprego, por receio de perderem o

emprego ou passarem por constrangimento ou frustração. Alguns até deixam de realizar a ocupação devido esse receio.

“eu confesso pra vocês que quando me chamaram dessas outras vezes, eu tenho receio de chegar lá ficarem sabendo que eu sou uma pessoa trans e me descartarem porque acho que isso vai me frustrar muito, então eu acabo, eu não fui” Moreh, Homem Trans.

“Quem entra agora eu prefiro não deixar é... claro quando a minha transexualidade justamente por conta do medo de perder o emprego, né” Mar, Homem Trans não Binário.

Os relatos de Moreh e Mar condizem com o encontrado na literatura, no estudo de Beagan et al (2012a) algumas pessoas transgêneros entrevistadas demonstraram receio em expressar suas identidades de gênero no meio laboral por medo de sofrerem algum tipo de preconceito ou perderem o emprego. Segundo o mesmo autor, as pressões exercidas pelas normas culturais existentes tendem a promover mudanças na escolha ocupacional, como exemplificado na fala de Moreh que opta por não comparecer ao local de emprego, mesmo este sendo importante para o mesmo.

Um participante transexual relatou que quando precisou procurar emprego devido dificuldades financeiras de sua família, não teve limitações e teve êxito em conseguir a atividade laboral. Os indivíduos agênero e não binário dessa pesquisa declararam ausência de empecilhos na busca de trabalho e justificaram isso ao fato de não terem características que transpareçam tão facilmente a sua identidade de gênero.

“Eu fui bem recepcionado, não tive problema também com isso, né? Porque eu faço a, eu sou trans não binário mas eu não comecei a questão da hormonização, então as pessoas ainda me encaram como uma mulher, então eu não tive problema com isso” Noah, Não Binário.

Há fragmentos no discurso dos próprios transgêneros que revelam uma mudança no quesito de busca e aquisição de emprego, mostrando outras possibilidades que não a prostituição, a qual é muito citada na literatura relacionado a mulheres trans. Essa maior facilidade pode estar ligada ao processo de normatização do corpo, o qual é ajustado a um modelo binário de gênero, logo há uma certa invisibilidade de sua identidade trans, essa é a chamada passibilidade, muito citada pelos entrevistados (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014)

No que concerne as relações no ambiente de trabalho, as pessoas transgênero do estudo declararam ter passado por alguma situação desagradável quando trabalharam durante/após

a transição de gênero. Dentre as principais situações estão o não reconhecimento da identidade de gênero, sendo tratados pelo nome de registro e como pertencentes do gênero que lhe foi atribuído quando nasceram, episódios de constrangimentos e preconceito. No discurso abaixo apresentado por Margarida identifica-se não só o não reconhecimento de sua identidade de gênero, como a tentativa de invisibilizar essa identidade, utilizando a coerção e imposição de um pertencimento ao gênero de nascimento. Dessa maneira, tentavam moldar seu comportamento para aquele tido como o correto na ideação cisgênera.

“Não me reconheciam na minha identidade, conseqüentemente, nem meu nome social [...] Eles me localizavam muito no masculino até na forma que eles me tratavam, sabe? Parece que eles me “megahipermasculinizavam”, até mais que os rapazes que estavam lá, eu sentia como se eles fizessem aquilo pra me demarcar mesmo num lugar assim de masculinidade. Por exemplo, eles falavam “E aí rapaz?” e “PÁH” batiem em mim, mas não faziam isso com os outros rapazes, eu não via isso, eu era bem observadora” Margarida, Mulher trans.

Outros relataram ter vivenciado situações de não aceitabilidade no ambiente laboral, principalmente, quando as relações interpessoais envolviam pessoas mais velhas. E não tiveram problemas de aceitabilidade quando tratava-se de convívio com pessoas mais jovens. Os que declararam trabalhar em empreendimentos da família, apresentaram dificuldades em terem seus nomes sociais respeitados, sendo tratados pelo nome de registro, mas que isso não os afetavam no que concerne seus desempenhos nesta ocupação, já que tratava-se de membros de família, contexto em que a aceitabilidade pode tornar-se mais resistente.

“Quando eu comecei a dar aula de reforço, eu já tinha começado a transição. Com a minha primeira aluna, eu era respeitado, ela me tratava pelo nome social, pelo nome masculino. Só que com esse “Senhorzinho” não[...] é gente idosa, né, “pra” eles é mais complicado de entender essas coisas, então eu relevei, relevo até hoje” Petit, Homem Trans não Binário.

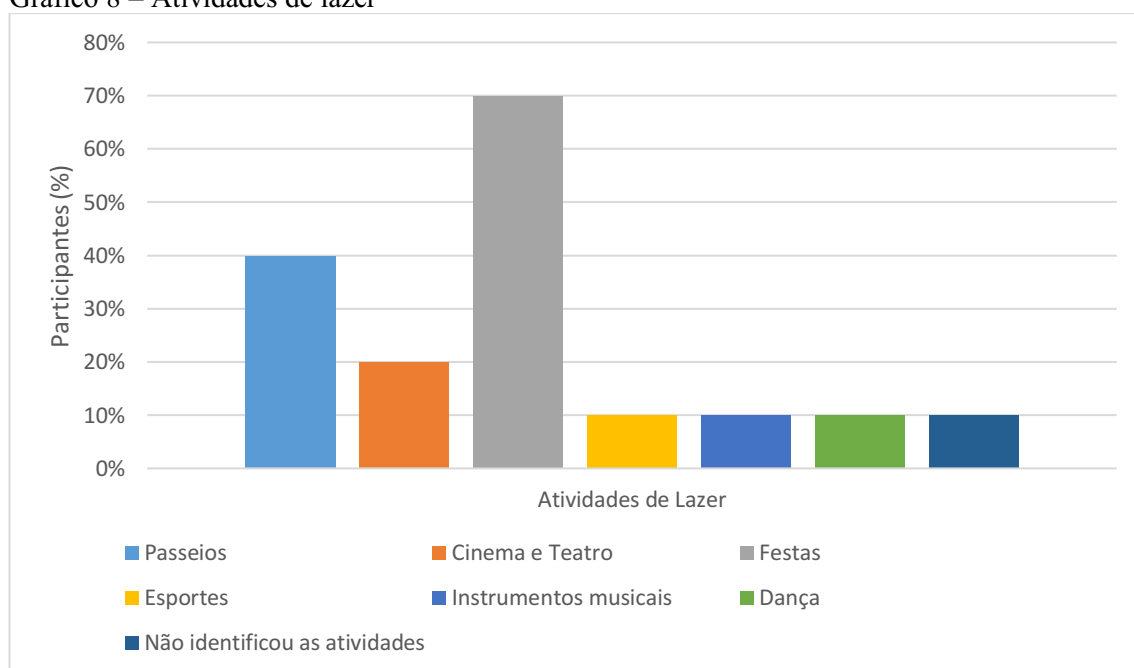
“Como é um negócio de família, né? é mais difícil o negócio lá eu não sou tratado como eu devo, é o nome de registro mesmo, mas aí a gente tem que tirar de letra, né? Porque por enquanto pelo menos, né? Tem que ser assim” Sebastian, Homem Trans.

Diante dos relatos de Petit, sugere-se que estamos passando por transformações sociais, em que a cisnormatividade já expressa-se de maneira menos latente entre os jovens, estando mais presentes nos pensamentos de pessoas que viveram em tempos passados, em que a identidade de gênero não era discutida e, conseqüentemente, não havia a visibilidade que se tem hoje.

6.3.3 Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgênero na Ocupação Lazer

A participação na ocupação lazer foi representada no gráfico 8, o qual apresenta as atividades relatadas pelos participantes, de modo que apenas um não identificou quais atividades realiza, no entanto afirmou desempenhar o lazer.

Gráfico 8 – Atividades de lazer

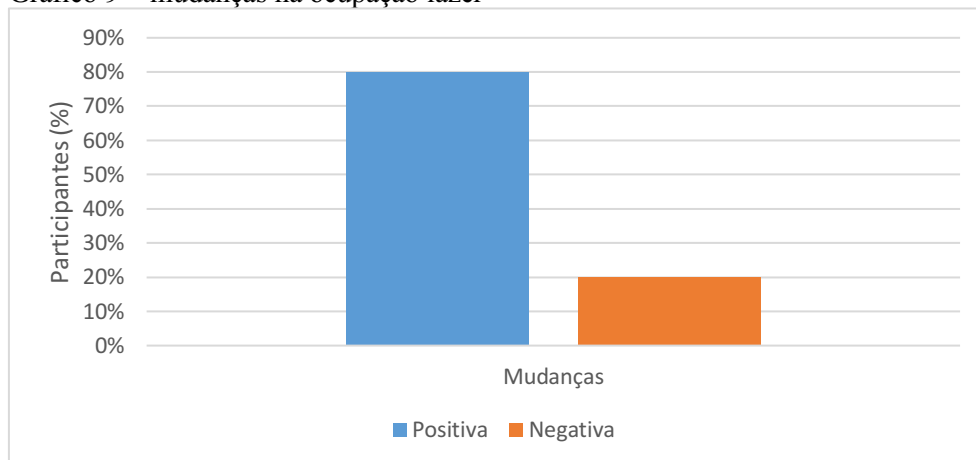


Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A participações em festas apresentou maior frequência em relação às demais atividades, seguida de passeios e idas ao cinema e teatro. Um dos entrevistados referiu participar da ocupação lazer, no entanto não identificou quais atividades executa.

O Gráfico 9 apresenta os dados referentes às mudanças percebidas pelos participantes em relação às atividades de lazer.

Gráfico 9 – mudanças na ocupação lazer



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Em relação à participação nas atividades de lazer antes da transição, nota-se uma diminuição ou inexistência das atividades executadas atualmente, Moreh justifica esse fenômeno com os papéis de gênero atribuídos

“Eu não saía quase, mas é pela questão do que a sociedade diz pra mulher e pra homem, a separação de que diz que a mulher não pode andar sozinha porque vai acontecer alguma coisa, tentam prender mais a mulher e o homem é mais livre, então eu senti muito essa diferença, de quanto eu era preso por ser dito como mulher, e de como agora eu tenho muita liberdade, pra qualquer coisa”. Moreh, homem trans.

Por outro lado, Carol relaciona com a idade e refere estar mais ativa em relação ao lazer como mudança percebida, a qual lhe levou a envolver-se, também, com os movimentos sociais

“Bom, como eu era muito novinha antes da transição de gênero, eu não fazia quase nada, eu saía só se fosse com os meus pais”. Carol, mulher trans.

Noah também referiu não frequentar as festas que atualmente frequenta, nas quais relata sentir-se bem, visto que nestes espaços encontra pessoas com as quais se identifica.

Em contraponto, Reginaldo e Margarida relataram sair mais para festas antes da transição, por diferentes motivos:

“Antes da transição, antes de me assumir pra minha família e tudo mais, eu saía mais, eu saía mais pra festas, saía mais com os meus amigos, porque eu não me sentia à vontade dentro da minha casa, então eu tentava manter o maior tempo possível fora de casa”. Reginaldo, homem trans.

“Antes da transição de gênero eu já tinha uma facilidade de andar à noite, por exemplo, voltar a pé pra casa de madrugada, quando eu transicionei eu senti na pele essa dificuldade os assédios começaram a aumentar e não eram só assédios, era com violência quando me localizavam na transexualidade”. Margarida, mulher trans.

Enquanto Reginaldo aponta a vontade de passar maior tempo longe da família como motivação – relatando como mudança após a transição, a descoberta de novas formas de lazer que lhe proporcionam mais prazer ao lado da família –, Margarida aborda uma maior aceitação antes da transição de gênero, de modo que após transicionar, ao ser localizada enquanto mulher trans, é recebida com preconceito e violência.

Pietro e Petit referem um sentimento de incômodo ao realizarem suas atividades de lazer antes de transicionar, Pietro relata

“Era uma participação bem complicada, como eu já disse, as pessoas ficavam olhando, comentando, fazendo brincadeira sem graça, que no caso são xingamentos e não brincadeiras, tanto na questão social quanto na questão íntima da pessoa (...). Então, era uma situação bem complicada nesse sentido, que quando eu me sentia agredido, eu ia lá e agredia também. Mas depois eu me isolava”. Pietro, homem trans.

Em uma experiência semelhante, Petit

“Era meio... meio chato, porque mesmo antes de eu começar a transição, de eu me descobrir, o tratamento pra mim já era incômodo. Então, eu não suportável o meu nome antigo, eu não suportava que me chamassem por ele (nome antigo), preferia que me chamassem pelo meu sobrenome, não gostava que me chamassem no feminino. Então, toda vez que eu ia sair com algum amigo, com algum grupo de amigos, era uma dor de cabeça pra mim, porque eu ficava irritado”. Petit, homem trans não binário.

Quanto às mudanças, Pietro afirma ter melhorado a experiência no lazer após a transição de gênero

“A partir do momento que você vai tendo uma passabilidade maior, você vai se identificando com seu gênero e vai ficando cada vez mais passável, as pessoas vão parando de te olhar e de fazer comentários”. Pietro, homem trans.

Já Petit continuou a enfrentar dificuldades, de modo que atualmente realiza a maior parte de suas atividades de lazer com o namorado, além de relatar um crescente desinteresse por atividades de lazer.

“Principalmente quando eu comecei, porque de quem eu achava que eu ia ter mais aceitação, foi de quem eu tive mais resistência, tipo na aceitação da transição, que foram os meus amigos, né. Eu achava que eles iam ser mais compreensivos, acolhedores, e quem acabou sendo foram os meus pais. Então, toda vez que eu ia sair com algum amigo, principalmente no começo da transição,

que começa com pronome feminino ou com o nome feminino, eu já ficava irritado”. Petit, homem trans não binário.

Mar também identificou essa participação permeada por desconfortos

“É... a transição ela vem a influenciar nesses três anos que eu passei sem a hormonização, porque foram três anos que passaram sem eu conseguir sair direito, sabe? sem me sentir bem em festa, sem me sentir bem é... no meio dos meus amigos. Eu levei muita bronca de amigo por conta da faixa, (...) ela (namorada) escondeu uma vez a minha faixa, ela foi embora com a minha faixa, me deixou quase uma semana sem ela, desesperado, mas enfim, tipo assim porque ela me machucava muito, sabe?”. Mar, homem trans não binário.

Quanto a alteração percebida, Mar afirma ter melhorado por conta da passabilidade.

Raoni e Sebastian relataram um bom desempenho das atividades de lazer antes da transição, enquanto Raoni justifica de acordo com a constância em suas ações, Sebastian refere o respeito que recebia

“Era normal, era, eu agia da mesma forma, sempre agi do mesmo jeito, era bem natural”. Raoni, agênero.

“Ah, era normal mesmo, muito legal assim, é... como eu disse pra vocês, tipo tanto agora quanto antes sempre prevaleceu o respeito, tudinho, sempre foi esse ritmo”. Sebastian, homem trans.

Em relação às mudanças, Raoni afirma uma alteração nos tipos de atividades, antes da transição desempenhava o lazer com familiares, normalmente em viagens, passando a frequentar mais festas com os amigos após o processo. Para Sebastian, a alteração se deu por meio da mudança de grupo ao praticar esportes, passando a realizá-lo com pessoas do seu gênero. Assim como na pesquisa de Silva et al. (2015), nota-se uma readaptação de hábitos, com mudanças na forma e no tipo de atividade realizada, geralmente partindo para espaços onde pessoas trans encontram acolhimento e identificação, como relatado por Noah. Dessa forma, observa-se que os entrevistados conseguiram se readaptar ao lazer após a transição, a exemplo, Margarida, apesar da vivência baseada em violências durante a sua participação em festas, relata:

“Antes da minha transição de gênero eu tinha uma certa maleabilidade, mesmo sendo uma vivência LGBT gay, por exemplo, mas era uma vivência em que o gênero era aceitável, porque mesmo sendo gay eu tava no gênero correspondente à genitália, é aquela ideia “é gay, mas é homem” e agora eu rompi isso, eu to em uma outra vivência que não era pra ser minha, teoricamente, e isso reduziu minhas atividades, me limitou e, de alguma forma, me estimulou a

procurar algum tipo de estratégia existencial que eu pudesse canalizar isso, buscar empoderamento, encontrar redes de apoio, ter que sentir na pele como é esses espaços de empregabilidade, viver a famosa dor e a delícia de ser o que é como essas configurações ocupacionais pra mim que sou trans elas mudam nessa dinâmica”. Margarida, mulher trans.

Moreh relatou sentir-se com medo de ser identificado enquanto homem trans nos espaços em que transita para frequentar festas. Carol citou a falta de tempo para o lazer referente às atividades acadêmicas. Margarida referiu o cansaço da necessidade de se adaptar para inserir-se.

Ressalta-se a escassez de publicações as quais descrevam e produza apontamentos acerca da ocupação lazer de pessoas transgêneras, no presente estudo tem-se esta com a ocupação mais realizada pelos entrevistados.

6.3.4 Desempenho Ocupacional de Pessoas Transgenero na Ocupação Gerenciamento da saúde

O acesso aos serviços de saúde foi descrito como dificultoso por 80% (n=8) entrevistados, justificado por diferentes motivos, sendo eles o fato de usar o sistema público de saúde, doação de sangue e experiências constrangedoras. Dois entrevistados relataram não apresentar dificuldade para acessar.

Quanto às dificuldades de acesso com justificativa referente às falhas do serviço público, Lima e Cruz (2016) encontrou em sua pesquisa relatos similares, na qual os participantes referiram utilizar os serviços privados como forma complementar, visto que pela condição de tratamento hormonal, a população trans carece de maiores cuidados com a saúde.

Apesar de afirmar não possuir dificuldade no acesso aos serviços de saúde, Moreh apresenta em seus relatos diferentes problemas quanto ao gerenciamento da saúde, acrescentando suas desistências de acesso como forma de evitar essas experiências.

Mar abordou a forma como as interferências nesse acesso repercutem no gerenciamento da saúde

“Na carteira do sus já tem o nome social, mas ainda é visto como apelido, não como nome na carteira do sus, então isso faz com que a gente evite ir um pouco”. Mar, homem trans não binário.

Sebastian relatou a experiência com o centro de hemoterapia que costuma frequentar,

“(Centro de hemoterapia)! Porque antes da transição tudinho eu era... eu era doador frequente de lá do (Centro de hemoterapia), agora, né, aí as coisas já mudam é porque aí já tem todo aquele preconceito, né? É... por causa da transição, por causa da... porque eles não enxergam a gente como... como a gente se sente bem, como a gente é realmente, né? Infelizmente. Aí eu enfrento essas dificuldades hoje em dia, tanto que, assim, pode até soar engraçado, não sei, mas pelo amor que eu tenho por isso, em doar sangue, salvar vidas, pelas pessoas eu chego a... eu chego a me vestir e falar como uma mulher pra não deixar de doar o sangue” Sebastian, homem trans.

Neste relato de Sebastian observa-se limitações explicitamente relacionadas a sua identidade de gênero, visto que antes da transição essa ocupação era desempenhada normalmente. E como estratégia, o participante opta por ocultar a sua identidade de gênero, adotando vestimentas e comportamentos condizentes ao seu gênero socialmente construído ao nascer. Observa-se novamente a ocupação, principalmente a vestir-se, sendo utilizada para camuflar a sua transgeneridade e expressar uma identidade cis.

Quanto ao relacionamento com profissionais e instituições de saúde, seis entrevistados consideraram um bom relacionamento, dois destes referiram-se especificamente sobre o ambulatório do processo transexualizador. Por outro lado, cinco participantes caracterizaram este como conturbado, um destes especificou sua experiência com profissionais e instituições exceto o ambulatório trans e dois destacaram a dificuldade para retificar o nome no cartão de saúde.

Assim como Moreh em relação ao acesso, Sebastian considerou seu relacionamento com profissionais e instituições de saúde como bom, apesar de relatar sua experiência negativa ao acessar os serviços de hemoterapia, no qual sujeita-se a utilizar de outro gênero como garantia desse acesso.

Noah apontou dificuldade apenas com um profissional

“É boa. Eu sempre tive dificuldade com psicólogos na verdade (risos), né? Mas no geral, tranquilo”. Noah, não binário.

Por outro lado, Mar relatou sua experiência negativa ao ter o tratamento negado por um profissional e por lidar com a desinformação de alguns profissionais, assim como os demais entrevistados:

“eu já fui negado atendimento pro endócrino, por exemplo, porque eu fui com ele falando “olha, eu sou um homem trans e eu quero que você passe a bateria [...] de exames pra eu começar a hormonização” e ele disse que ele não fazia

porque ele não concordava, assim como eu também já fui com profissionais que eu falei “Ah, eu sou um homem trans” e eles me enchiam de perguntas porque não tinham com quem tirar e não tinham capacitação, sabe? então assim se tornou mais uma consulta minha com ele do que ele comigo, sabe? então... ao contrário, enfim”. Mar, homem trans não binário.

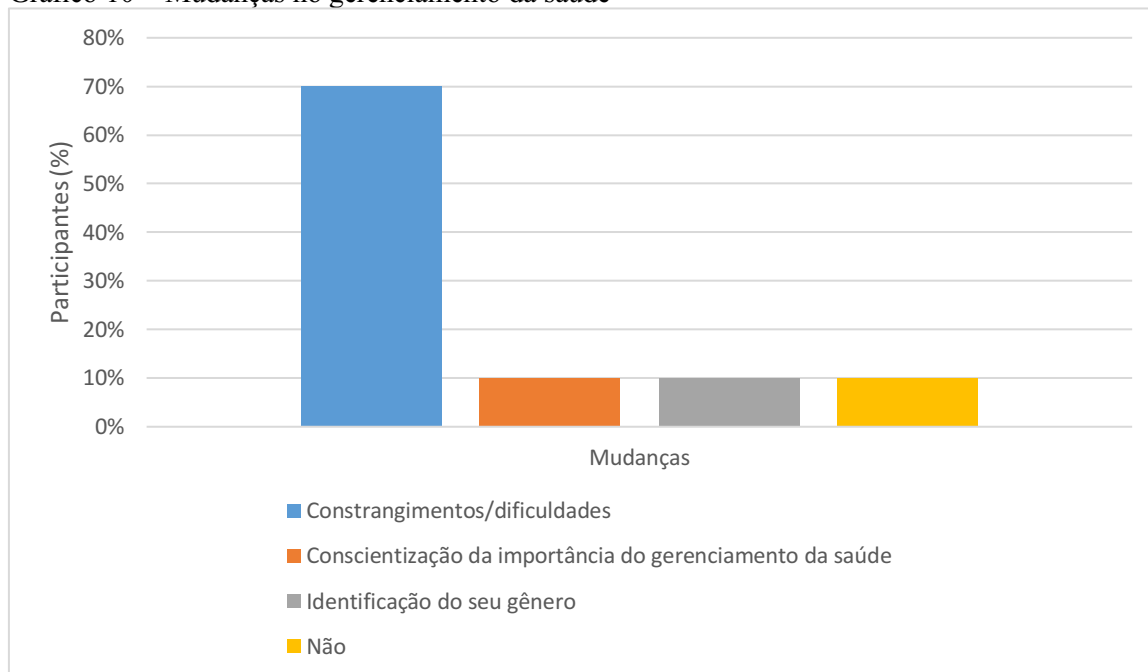
“É... a maioria dos profissionais quando sabem que meu nome é (nome de registro), eles começam a me tratar no feminino, mesmo eu falando é... que sou (nome social) e tal”. Moreh, homem trans.

“Mas é bem complicado isso, os profissionais me questionando sempre “Ah você é operada?”, essa invasão de privacidade no corpo trans é bem perversa, e também raramente me tratam no feminino, raramente, muito complicado assim”. Margarida, mulher trans.

Práticas como o não reconhecimento da legitimidade da transgeneridade, como as experienciadas pelos entrevistados, são reportadas por Monzeli (2013) como parte de uma lógica na qual, além do diagnóstico clínico motivador da procura pelo serviço de saúde, há um diagnóstico por parte dos profissionais quanto a incoerência da vida do sujeito trans, partindo de uma deslegitimação da existência. Ainda de acordo com o autor, nota-se uma espécie de condicionamento do acesso, o qual desrespeita os princípios de atendimento em saúde. Dessa forma, aponta-se a necessidade de questões específicas na formação dos profissionais de saúde, pautadas na sensibilidade, na ética e voltadas para um atendimento integral, sem distinção (MELO et al., 2011; SILVA; CERQUEIRA-SANTOS 2014).

Quanto às mudanças percebidas após o processo de transição em relação ao gerenciamento da saúde o gráfico 10 apresenta as respostas dos entrevistados.

Gráfico 10 – Mudanças no gerenciamento da saúde



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Em relação a identificação do seu gênero, Reginaldo expôs a dificuldade encontrada antes de passar pela transição, passando para uma experiência mais positiva ao ser localizado no seu gênero.

“Antes eu tinha esse problema de ser confundido bem mais, as pessoas ainda ficavam “ela, ele”. Reginaldo, homem trans.

Em outro ponto, Petit relata uma diferença no seu cuidado com a saúde, em que a ocupação de gerenciamento de saúde foi ressignificada após a transição de gênero.

“Antes eu não suportava ir pra hospital, não suportava fazer exame. Quando eu comecei a perceber que era uma coisa necessária, né, que eu tinha que fazer, eu preferi criar um vínculo com o pessoal de lá do ambulatório, porque era mais fácil, principalmente, por ser longe da minha casa, criando vínculo, talvez eu tivesse uma vontade a mais de ir para lá, pra poder continuar fazendo acompanhamento”. Petit, homem trans não binário.

Carol relata os constrangimentos vivenciados após a transição, os quais foram superados após a retificação do nome social

“E o que mudou foi isso de antes da mudança de nome a gente passar por muito constrangimento e a gente acaba desmotivada, não procurando os serviços de saúde, tudo mais e depois dessa legislação que autoriza as pessoas

trans a mudarem de nome e de gênero no civil a gente já fica mais a vontade de levar nossa identidade com o nome civil e eles tem que aceitar porque é uma lei, né”. Carol, mulher trans.

Mar também relatou o desinteresse em procurar os serviços de saúde a partir de experiências negativas

“Justamente a questão dos preconceitos, né? Das situações vexatórias, coisa que eu não tinha antes é... quando me identificava ainda como mulher cis, não tinha tantos problemas. Eu conseguia ter muito mais acesso também ao sistema de saúde, às coisas que eu precisava por conta da minha saúde eu conseguia ter muito mais acesso, não só do acesso deles comigo, mas eu ir em busca deles, sabe? por conta do... da antecipação, da ansiedade por saber que eu vou passar por uma situação ruim eu prefiro não ir, sabe?”. Mar, homem trans não binário.

A falta de humanização e formação profissional voltada para o atendimento integral de pessoas transgêneras foi citada por dois participantes, Margarida relatou a dificuldade que enfrenta para procurar os serviços de saúde, percebendo, até mesmo, repercussões físicas

“porque as minhas experiências, principalmente, na saúde são horríveis, eu afirmo com certeza aqui que eu tenho medo toda vez que eu adoço que eu vou ter que ir em uma UPA da vida, sério gente, eu começo a suar, mesmo tendo meu nome retificado, eles me localizam pelo sexo masculino, pela minha expressão de gênero (...).Eu já to adoecida (...), tu já tá em sofrimento e a tua identidade ainda é negada, foi justamente quando eu pesei lá e tal, aí não queria comer, aí eu somatizei fiquei com diarreia, fiquei desnutrida, foi o Ó, e aí o cara ainda fez aquela palhaçada, foi terrível assim, então eu tenho medo, é um local assim que eu não me sinto bem, eu sei que é um espaço de cuidado de saúde, compreendo, mas que eu não me sinto bem no acolhimento, eu acho que eu nunca fui bem acolhida em uma unidade de saúde, nunca, não teve um dia que algum, um médico que de fato me olhasse como uma mulher”. Margarida, mulher trans.

Moreh também referiu essa mesma dificuldade

“Eu acho que que a gente tem dificuldade, eu também sinto essa dificuldade mesmo tendo um plano, nessa questão de lida mesmo dos profissionais porque eles não conhecem, eles não entendem e às vezes a gente deixa de ir, eu deixo de ir num mastologista, por exemplo, porque eu fico com medo do toque dele, sabe? De como ele vai me enxergar”, reforçando essa negligência à saúde “é um ponto pra mim que eu acabo deixando de ir pra algumas consultas por conta disso, de não querer ter que passar por algumas situações e eu sou muito assim, se eu posso me livrar de uma situação que eu não precise passar, eu não vou continuar mesmo que sendo no gerenciamento de saúde que é muito importante principalmente pra essa população, né? que passa pela hormonização ou não também, né? mas é isso”. Moreh, homem trans.

A falta de reconhecimento e a falha no uso do nome social nos atendimentos em saúde, reportados por Moreh, Margarida e Mar, interferem no acesso à saúde ao ponto que, a partir de experiências negativas, os usuários passam a evitar utilizar esses espaços, caracterizando-se em uma vulnerabilidade decorrente da violência e violação dos princípios do Sistema Único de Saúde (SILVA et al., 2017).

Apesar de haver um serviço público instituído pelo Ministério da Saúde, o qual atende o público trans por meio de serviços de referências no processo transexualizador (MELO et al., 2011), a literatura aborda experiências marcadas por estereótipos e características de estigmatização para com as pessoas atendidas (BORBA, 2014). Esse comportamento foi vivenciado por uma entrevistada, a qual relata:

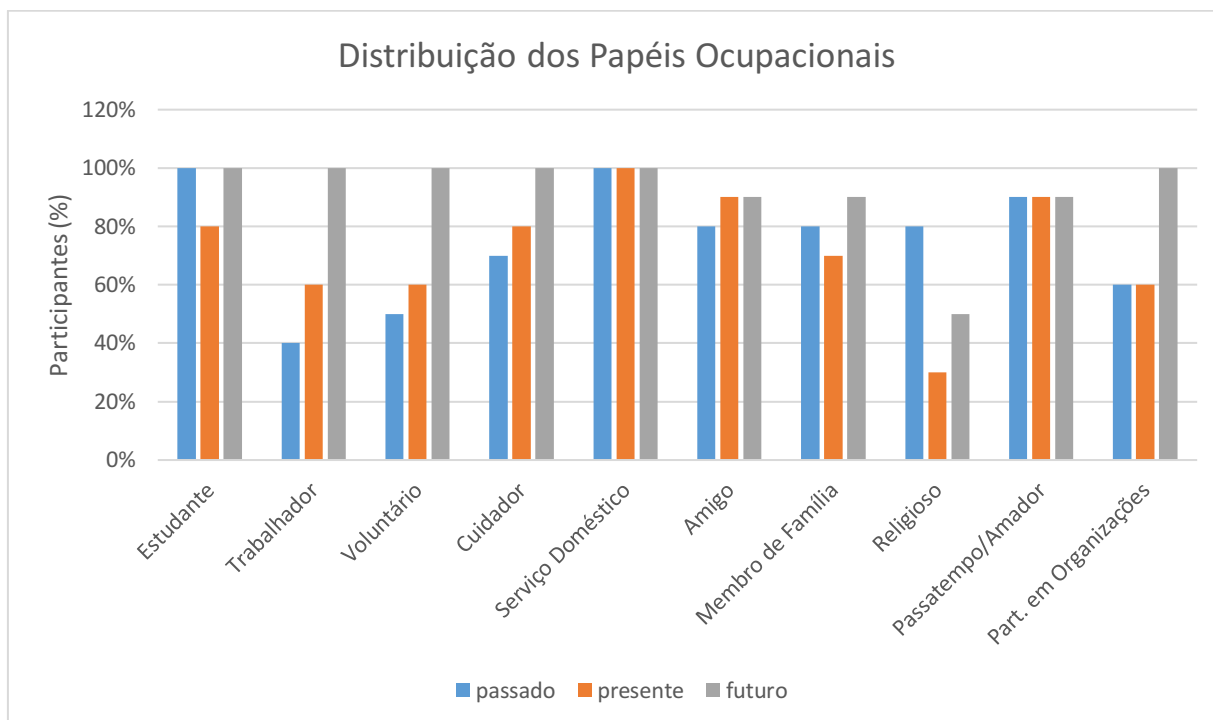
“Até quando foi inaugurado o ambulatório de pessoas trans, o pessoal da (ONG) reclamou, né, por conta da forma como fetichizavam, e não deu outra, quando eu fui me cadastrar lá foi terrível, né, eu nunca esqueço a Assistente Social, tive que passar por uma triagem, aí ela “Olha, que cabelo lindo, é seu?” aí quando ela virou pra chamar outra profissional “Fulana, vem ver, olha o cabelo desse rapaz, não é lindo?” e eu num ambulatório trans fazendo um cadastro, aí a tal da Fulana pra colocar a cereja no bolo “Ai que lindo, meu filho, você é um rapaz tão lindo””. Margarida, mulher trans.

Nota-se que mesmo em um espaço destinado ao atendimento especializado, com o objetivo de atender de forma integral pessoas transgêneras, práticas preconceituosas afetam os usuários.

6.4 Sobre os Papéis Ocupacionais de pessoas Transgênero

O Gráfico 11 mostra os resultados referente à aplicação do protocolo Lista de Papéis Ocupacionais, demonstrando as configurações dos Papéis Ocupacionais exercidos pelos participantes no passado, considerado período antes da transição de gênero, presente, entendido como momento atual e futuro, como período após a aplicação do protocolo. A categoria “Outros” foi excluída do gráfico e será analisada de forma qualitativa separadamente.

Gráfico 11 – Distribuição dos Papéis Ocupacionais dos participantes



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A partir dos dados ilustrados no gráfico, identifica-se que houve mudanças na configuração dos papéis ocupacionais a partir da transição de gênero, alguns papéis foram acrescentados ao padrão de vida diária e outros foram perdidos, assim como existem aqueles que foram mantidos ao longo do tempo. Antes da transição os papéis que mais se destacavam eram os de Estudante, Serviço Doméstico, Amigo, Membro de Família, Religioso e Passatempo/Amador. No presente, compreendido como após ou durante a transição, os papéis com maiores porcentagens são de Estudante, Cuidador, Serviço Doméstico, Amigo e Passatempo/Amador. E no futuro os participantes pretendem se engajar mais em todos os papéis ocupacionais.

Os papéis ocupacionais que apresentaram maior mudança em suas configurações na rotina dos participantes em relação ao período antes e durante/depois da transição de gênero foram os de Estudante, Trabalhador, Voluntário, Membro de Família, Religioso e Participante em Organizações:

Estudante: Em 80% dos participantes esse papel se manteve tanto antes da transição como no momento atual e 20% já não o desempenham no presente.

Trabalhador: 40% passaram a realizá-lo apenas após/durante a transição, 20% o realizavam tanto antes quanto durante/após a transição de gênero, 20% o realizaram apenas antes da transição e 20% nunca trabalharam.

Voluntário: 30% passaram a realizá-lo após a transição de gênero, 30% já a realizavam antes e continuaram realizando depois da transição, 20% realizavam antes da transição e não realiza atualmente e 20% nunca o realizou.

Membro de Família: 20% passaram a realizá-lo apenas após a transição de gênero, 50% realizavam antes da transição de gênero e permanecem no momento atual, 30% realizavam antes da transição de gênero e não realizam no momento atual.

Religioso: 20% passaram a desempenhá-lo após/durante a transição, 10% mantiveram esse papel até o momento atual e 70% desempenhavam antes da transição e já não desempenham atualmente.

Participante em Organizações: 30% passaram a realizar após/durante a transição de gênero, 30% já realizavam antes e ainda realizam no presente e 40% realizavam antes da transição, mas não realizam atualmente.

Diante do exposto, ressalta-se que o principal papel acrescentado após/durante a transição de gênero foi a de Trabalhador, vale ressaltar que 50% (n=5) dos entrevistados exercem a ocupação trabalho, além disso devido a média de idade ser de 23 anos, a maioria era muito jovem para iniciar uma atividade laboral, sendo o papel ocupacional de trabalhador não estimulado antes da transição de gênero.

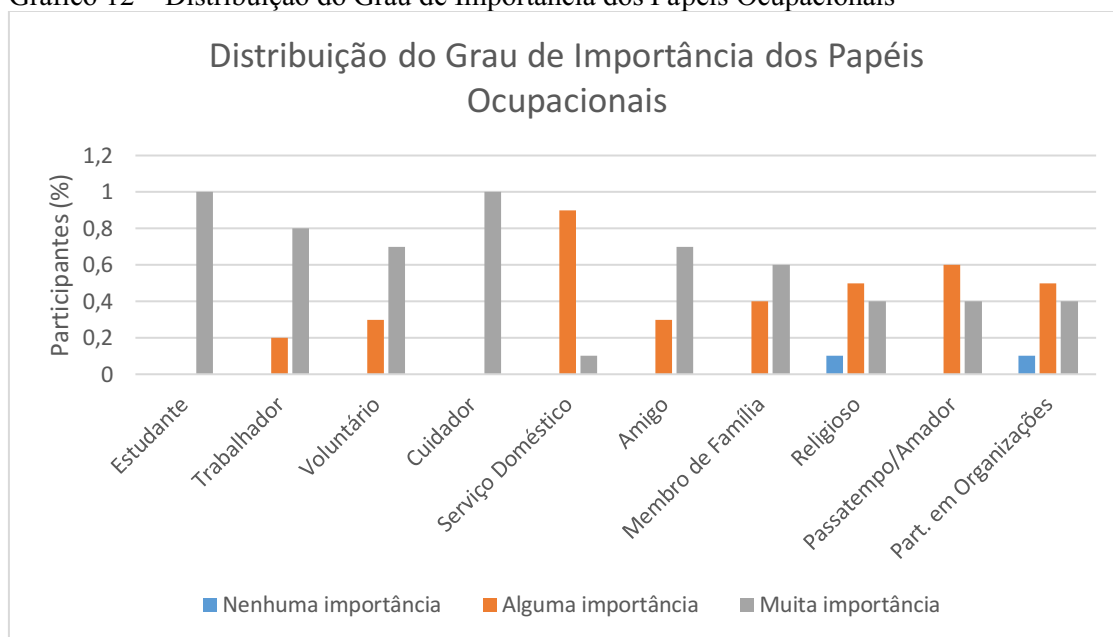
O papel de Religioso foi o que apresentou maior perda na configuração no padrão de vida diária dos sujeitos, um participante relatou um episódio de preconceito relacionado ao seu gênero no ambiente religioso que frequentava e isso fez com que se afastasse do mesmo, os outros participantes não comentaram sobre o motivo de tal perda do papel ocupacional.

Em estudo realizado por Beagan et al (2012a) acerca das mudanças nas ocupações de pessoas transgênero, encontrou-se resultados semelhantes em que atividades ligadas ao contexto religioso foram perdidas do repertório ocupacional após a transição de gênero. E o principal papel ganho revelado pela pesquisa do autor, foi o envolvimento em ativismo político ou em organizações da comunidade LGBT, o que condiz em parte com o exposto pelo presente trabalho, visto que apesar de não ter sido o principal papel ganho, representando 30% do total, os dados indicam que 60% desempenham esse papel no momento presente e 40% já exerceram em algum momento da vida, sendo assim sugere-se

que este é um papel relevante nos hábitos dos transgêneros desta pesquisa. Vale ressaltar que a maioria das organizações que eles se envolveram relacionam-se com temáticas LGBT, principalmente, transgênero ou relacionado ao ativismo, como o movimento negro e os movimentos de combate ao HIV/AIDS.

O Gráfico 12 demonstra o grau de importância atribuído pelos participantes a cada papel ocupacional, podendo este fazer parte ou não de seu padrão de vida diária.

Gráfico 12 – Distribuição do Grau de Importância dos Papéis Ocupacionais



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Segundo os dados, os papéis ocupacionais de Estudante e Cuidador foram considerados por todos os participantes como muito importantes, apenas um participante atribuiu nenhuma importância aos papéis de Religioso e Participação em Organizações, os outros papéis foram pontuados como possuindo alguma ou muita importância. Destaca-se que o papel ocupacional Religioso foi considerado por 90% dos participantes com alguma importância ou muito importante, porém apenas 30% o desempenham nas suas vivências no presente.

Dois participantes acrescentaram papéis ocupacionais que acharam relevante na categoria “outros”, foram eles “relacionamentos amorosos” e “Frequentar espaços de saúde”. Sobre o primeiro, a participante relatou que só o realizou antes da transição e que pretende realizar no futuro, porém no presente não realiza e tem muitas dificuldades de

incluí-lo em seu padrão de vida diária, no quesito grau de importância pontuou como sendo muito importante.

Esse dado condiz com a literatura, a qual aponta os relacionamentos amorosos como um desafio para a população trans (BEAGAN et al., 2012; CLARKE, SWIMM, 2011) sendo comum a fetichização e a rejeição após a divulgação do status de transgênero (PLATT; BOLLAND, 2017 apud DOWERS et al., 2019)

O segundo papel citado pelo participante Pietro, o qual o identificou como não exercido no passado e no presente, mas que pretende exercê-lo no futuro, ele pontuou esse papel como de muita importância. Sugere-se que a sua não participação nesse papel após a transição de gênero seja justificada pelas dificuldades já identificadas anteriormente, quando esta foi mencionada como tendo o seu desempenho ocupacional alterado. Verifica-se que os dois papéis citados não são exercidos, apesar de apresentar-se como sendo de grande importância, desta forma, reflete-se que existem fatores externos que tornam-se limitadores para sua realização.

Os resultados corroboram com os achados de Dowers et al. (2019), em que expõem que pessoas transgênero em alguns casos evitam ambientes físicos em que constrangimentos e transfobia eram percebidos como mais prováveis de acontecer, destacando-se instituições de saúde, como visto com o participante Pietro. São evitados também eventos religiosos, apesar deste apresentar-se como sendo de interesse, isto também ocorreu com os participantes do presente estudo, como anteriormente citado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou visualizar as dimensões ocupacionais de pessoas transgêneras em diferentes aspectos, assim como a subjetividade dos sujeitos a partir da autopercepção. Além de compreender a relação entre o processo de transição de gênero a partir das experiências vivenciadas por indivíduos pertencentes à essa forma de ser, o desempenho ocupacional em quatro ocupações pré-estabelecidas – educação, trabalho, lazer e gerenciamento de saúde – e os papéis ocupacionais apresentados antes e após o processo.

A amostra do estudo apresentou uma aproximação em aspectos, principalmente de dados socioeconômicos e idade, os quais sugerem um padrão de vida diária similar, confirmado por meio de atividades como lazer, educação e trabalho presentes.

Notou-se a singularidade presente no processo de transição de gênero, o qual indicou particularidades em relação à diferentes percepções e vivências, como a concepção do início da transição, apresentado marcos individuais para cada um.

Os resultados aqui apresentados sugerem que há alterações tanto positivas quanto negativas no desempenho ocupacional e papéis ocupacionais de pessoas transgêneros. Observa-se uma reconfiguração na habitação, em que tem-se mudanças na participação e na construção desse repertório ocupacional.

Todas as ocupações representaram para pelo menos alguns dos participantes como um espaço com limitações do desempenho. Destacando-se como principais barreiras o não reconhecimento da identidade de gênero expressada, conseqüentemente, o não uso do nome social pelas pessoas nesses espaços, episódios de constrangimentos e preconceito, o receio da revelação da identidade transgênero e as possíveis repercussões negativas acarretadas por isso, como mudanças no comportamento das pessoas perante a eles ou a perda do emprego.

Sendo assim, destaca-se que as limitações encontradas no desempenho ocupacional nas ocupações pesquisadas perpassam, principalmente, pelas relações interpessoais desenvolvidas nesses locais, os quais podem inviabilizar uma melhor experiência no desempenho ocupacional, gerando, também, preocupações em relação a realização dessas ocupações.

Na ocupação Educação e Gerenciamento de saúde, os participantes ressaltaram como barreiras também a falta de conhecimento por parte de professores, alunos e profissionais de saúde acerca da transgeneridade. Desta maneira, é emergente a necessidade de formação profissional na saúde e educação, assim como mudanças nas dinâmicas institucionais para atender pessoas transgênero em sua integralidade, com humanização e respeitando suas particularidades, visto que após experiências negativas, entrevistados relataram uma conseqüente evasão dos serviços de saúde e uma dificuldade de permanência nos ambientes educacionais.

Tal como parte da amostra apresentou limitações em seu desempenho ocupacional, parte dela também apresentou-se com este aspecto sem interferência ou melhorado após a transição de gênero. Para alguns houve acolhimento, reconhecimento e respeito a identidade de gênero, novos repertórios ocupacionais, ressignificação da ocupação gerenciamento de saúde e identificação de habilidades e potencialidades individuais como o empoderamento pessoal e a resiliência. Para isto, os participantes destacam como facilitadores do

desempenho ocupacional a presença de uma rede de apoio social informal (família, amigos, membros de organizações, membros da religião, namorada), a passabilidade, a maior visibilidade das diversidades de gênero e as políticas públicas voltadas a esse público.

Notou-se também o potencial das ocupações em expressarem determinado gênero. Como foi relatado por alguns participantes que após a transição de gênero houve uma reconfiguração das ocupações realizadas, principalmente as atividades de vestir-se, cuidados pessoais, participação social e lazer, em que essas passaram a atender suas identidades de gênero e, conseqüentemente, conseguiram exercer suas identidades ocupacionais. O que transmitiu satisfação e bem estar físico e psicológico, ressaltando assim o potencial das ocupações em promover saúde.

De maneira contrária, as ocupações também assumiram a função de ocultar a transgeneridade, como os exemplos de mudanças de vestimentas e comportamentos para evitar preconceitos e constrangimentos na escola ou para conseguirem doar sangue. Porém neste último, os entrevistados suprimiam suas vontades e convicções.

Ademais, os dados demonstram a influência da cultura relacionadas às funções sociais sobre as ocupações, em que atividades domésticas foram utilizadas para demarcar a função social do gênero feminino e algumas práticas de lazer, como sair sozinho sendo permitido apenas quando o indivíduo se identificou nesse gênero. Nessa perspectiva, as ocupações são determinadas ou limitadas conforme a vivência de gênero.

No que concerne os papéis ocupacionais, observou-se mudanças em sua configuração a partir da transição de gênero, no qual obteve-se ganhos e perdas de papéis. Como principal papel ganho destaca-se o de Trabalhador e Participação em Organizações e como perda, tem-se o papel Religioso, apesar deste se mostrar importante para 90% (n=9) da amostra.

Quanto às limitações do estudo, aponta-se a presença de uma amostra com características homogêneas, como o grau de escolaridade e a idade, impossibilitando uma generalização dos dados obtidos. Além de pouca variação de gênero, com dominância de homens, e de transexuais em detrimento de outras diversidades de gênero.

Outrossim, alguns dados diferem ao passo que ao longo das entrevistas, cada tópico foi respondido de acordo com as memórias emergentes no momento, sendo estes às vezes complementados nos demais tópicos, como exemplo, 60% dos entrevistados referiram ser

autônomos nos dados socioeconômicos, no entanto a ocupação trabalho foi mencionada como parte do padrão de vida diária por 30% apenas.

Apona-se a relevância de posteriores estudos que compreendam mais dimensões ocupacionais, utilizando uma amostra maior e mais heterogênea. Assim como traçar estratégia para verificar esses aspectos nas mais variadas diversidades de gênero.

REFERÊNCIAS

ACKER, G M. Transphobia Among Students Majoring in the Helping Professions. **Journal of Homosexuality**, New York, v. 64, n. 14, p. 2011-2029, nov./2017.

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo**-traduzida. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Secretaria de Educação**. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

ARAÚJO, L. F. S.; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

ÁLVAREZ, R. et al. Transexualidad Y Terapia Ocupacional: Una Reflexión Desde La Teoría Queer. **Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional**. v. 3, n. 2, p. 1-22, Dic., 2016.

BAR, A.; JARUS, T.; WADA, M.; RECHTMAN, L.; NOY, E. Male-to-female transitions: Implications for occupational performance, health, and life satisfaction. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v.6, mar., 2016.

BALZER, C.; BERREDO, C. L.L. **2,190 murders are only the tip of the iceberg** – An introduction to the Trans Murder Monitoring project TMM annual report 2016. TvT Publication Series, v.14, Transgender Europe (TGEU), 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**: tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, L. B.; CARDOSO, W. R. D. S; MESQUITA, M. R. D. Educação Física Escolar: Os Impactos Sociais na Vida de Pessoas Transexuais em Belém do Pará. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 583-599, ago./2018.

BEAGAN, B. L.; SOUZA, L.; GODBOUT, Caleb; HAMILTON, L.; MACLEOD, J.; PAYNTER, E.; TOBIN, A. “This is the Biggest Thing You'll Ever Do in Your Life”: Exploring the Occupations of Transgendered People. **Journal of Occupational Science**, v. 19, n. 3, p. 226-240, 2012a.

BEAGAN, B. et al. Working with transgender clients: Learning from others to improve occupational therapy practice. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, Jun., 2012.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.

BORBA, R. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Revista Latinoamericana de Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 17, p. 66-97, 2014

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

BRANHOLM, I. B.; FUGL-MEYER, A. R. On non-work activity preferences: relationship with occupational roles. **Disability and Rehabilitation**, v.16, p. 205-216, 1994.

BRUNS, M. A. T.; PINTO, M. J. C.; **Vivência transexual: o corpo desvela seu drama.** Campinas, SP. Editora Átomo, 2003.

CARRIERI, A. D. P; SOUZA, E. M. D; AGUIAR, A. R. C. Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travestis e Transexuais. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 78-95, fev./2014.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA OCUPACIONAL. **Resolução N°425, de 08 De Julho de 2013.** Estabelece o Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional. Brasília, 08 de Julho de 2013.

CORDEIRO, J. J. R.; JARDIM, J. R. **Validação da lista de identificação de papéis ocupacionais em pacientes portadores de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) no Brasil.** 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/20599>>. Data de acesso: 11/10/2018.

CLARK, F.; LAWLOR, M. C. A Elaboração e o Significado da Ciência Ocupacional. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. (Orgs.). **Willard & Spackman – Terapia Ocupacional.** 11.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 1, p. 01-18.

CLARKE, M.; SWIMM, S. **Occupational Therapists In Gender Variance**, Leadership In Mental Health Ot Compendium. April, 2011.
DOWERS, E. *et al.* Transgender experiences of occupation and the environment: A scoping review. **Journal of Occupational Science**, v. 26, n. 4, p. 496-510, mai./2019.

ESPECTOMETRIA NÃO-BINÁRIA. Disponível em: <http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FRANCO, Neil. A Educação Física Como Território De Demarcação Dos Gêneros Possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 28, n. 47, p. 47-66, mai./2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, J. C. A. O Supremo Tribunal Federal em uma perspectiva de gênero: mérito, acesso, representatividade e discurso. **Direito & práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 652-676, 2016.

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade.** Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGASUFSC, Florianópolis, 1998.

HOCKING, C. Occupational science: A stock take of accumulated insights. **Journal of Occupational Science**, v. 7, n. 2, p. 58-67, 2000.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre transexuais, travestis e demais transgêneros, para formação de opinião. Brasília: 2012.

JESUS, J. G. **Transfobia e crimes de ódio**: Assassinatos de pessoas transgênero como Genocídio. In: Maranhão FoEMA, organizador. (In)Visibilidade Trans 2. História Agora. 2013;16(2):101-23. Disponível em: <http://jaquejesus.blogspot.com.br/2015/08/transfobia-e-crimes-de-odio.html>.

JUNIOR, J.D.L.; LOPES, R.E. Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 25, n. 3, p. 481-496, 2017.

KIELHOFNER, Gary. **Fundamentos Conceptuales de la Terapia Ocupacional**. 3. ed. Buenos Aires: Médica Panamericana, 2006.

KIELHOFNER, G. **Modelo de Ocupación Humana**: Teoria y Aplicación. 4. ed. Buenos Aires: Médica Panamericana, 2011.

KIELHOFNER, G.; FORSYTH, K.; KRAMER J. M.; MELTON, J.; DOBSON, E. O Modelo de Ocupação. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. (Orgs.). **Willard & Spackman – Terapia Ocupacional**. 11.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 44, p. 647 – 665.

LANZ, L. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba, 2014.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: 2008.

LIMA, F.; CRUZ, K. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 162-186, 2016.

MARTÍNEZ, M. M. Apartheid Ocupacional de las diversidades trans: Importancia y desafío para la Terapia Ocupacional Social. **Revista de Educacion Inclusiva** – Chile. v. 1, n. 2, p. 106-118 Ago/Dic, 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MELO, L.; PERILO, M.; BRAZ, C. A.; PEDROSA, C. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, salud y sociedad** – revista latino-americana, n. 9, p. 7-28, 2011.

MELO, K. M. M. Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 215-223, 2016.

MINAYO, M. C. S (org); DESLANDES, S. F; GOMES; R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Voses, 2009.

MONZELI, G. A. **Em casa, na pista ou na escola é tanto babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis**. 2013. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

NELSON, D. Occupation: Form and performance. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 42, p. 633– 641, 1988.

OAKLEY, F.; KIELHOFNER, G.; BARRIS, R.; REICHLER, R. K. The role checklist; development and empirical assessment of reliability. **The Occupational Therapy Journal of Research**, n. 6, p. 157-170, 1986.

PAIXÃO, G. P. N.; SANTOS, S. M. P.; RAMOS, P. R. **Questões de gênero: percepção de adolescente no município de Juazeiro-BA**. UDESC em ação, 2008.

PECHAK, C. *et al.* Development and Preliminary Assessment of Interprofessional Education Focused on Vulnerable Populations. **Journal of Allied Health**, Fall, v. 47, n. 3, p. 75-81, nov./2018.

PEDRA, C. B.; SOUSA, E. C.; RODRIGUES, R. V.; SILVA, T. S. Políticas públicas para inserção social de travestis e transexuais: uma análise do programa “Transcidadania”. **Revive - Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p. 170-199, jan./jul, 2018.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul., 2011.

PERES, W. S. **Travestis Brasileiras: construindo Identidades cidadãs**. In: GROSSI, M. P. et al., (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PHOENIX, N.; GHUL, R. Gender transition in the workplace: An occupational therapy perspective. **Work**, v. 55, n. 1, p. 197-2015, set./2016.

REIS, N. D.; PINHO, R. Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões E Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, abr./2016.

RODOVALHO, A. M. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 422, 2017.

SALEIRO, S. P. Diversidade De Gênero Na Infância E Educação: Contributos para uma Escola Sensível ao (Trans)gênero. **Ex æquo**, Portugal, v. 1, n. 36, p. 149-165, set./2018.

SÁNCHEZ, S. S. Midiendo la perspectiva de género en el Modelo de ocupación Humana de Terapia Ocupacional mediante el análisis de contenido. **X Jornadas Científicas Internacionales de Investigación sobre Personas con Discapacidad**. Mar., 2018.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2007.

SILVA, B. B.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. **Revista da SPAGESP**, Aracajú, v. 15, n. 2, p. 27-44, 2014.

SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364 – 372, 2015.

SILVA, A. C. F. *et al.* Transgeneridade: Uma Análise Da Representação Da Identidade Do Eu E Do Estigma Nas Produções Audiovisuais Recentes. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 132-142, dez./2017.

SILVA, L. K. M. Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 835-846, 2017.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. 244fls.

SOUZA, L. D. **Transexualidade E Saúde Na Produção Científica Brasileira**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Pública) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TOWNSEND, E.; MARVAL, R. Profissionais podem realmente promover justiça ocupacional? **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 229-242, 2013.

YERXA, E. J. An Introduction to Occupational Science: A Foundation for Occupational Therapy in the 21st Century, **Occupational Therapy In Health Care**, v. 6, n. 4, p. 1-17, 1990.

YERXA, E. J. Occupational science: A new source of power for participants in occupational therapy, **Journal of Occupational Science**, v. 1, n. 1, p. 3-9, 1993.

WILCOCK, A. A.; TOWNSEND, E. A. Justiça Ocupacional. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. (Orgs.). **Willard & Spackman – Terapia Ocupacional**. 11.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 20, p. 195-201.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido (a) pelo(s) pesquisador(es) Luísa Sousa Monteiro Oliveira e acadêmicas Laiane Sousa Almeida e Thâmela Thaís Santos dos Santos sobre a pesquisa intitulada “Transexualidade: uma análise da transição de gênero, do desempenho e dos papéis ocupacionais”, cujos objetivos são: compreender a história ocupacional dos sujeitos e como ela mudou a partir do processo de transição de gênero, descrever o desempenho ocupacional de pessoas transexuais antes e depois da transição de gênero e identificar a configuração dos papéis ocupacionais antes e depois da transição.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter qualitativo, coordenado pela **Prof.^a Msc. Luísa Sousa Monteiro Oliveira**, docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade

Federal do Pará. Qualquer esclarecimento poderá ser prestado através do contato da coordenadora: 98113-3176.

Fui informado (a) que a coleta de dados será realizada por meio de um instrumento adaptado acerca da história ocupacional, uma avaliação dos papéis ocupacionais que consiste na aplicação do protocolo Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais, assim como será utilizada uma entrevista semiestruturada que buscam identificar os efeitos da transição de gênero sobre o desempenho ocupacional e os papéis ocupacionais. Fui esclarecido (a) quanto aos possíveis riscos relacionados à pesquisa, os quais tratam-se da revelação da identidade dos participantes, o resgate de sentimentos tristes decorrentes do conteúdo abordado na entrevista e/ou desconforto transitório, assim como sensação de invasão de privacidade no participante. Quanto as medidas amenizadoras a serem adotadas frente aos riscos oferecidos, fui informado (a) da disponibilidade de encaminhamento psicológico quando este se fizer necessário, assim como a garantia de um local reservado para a entrevista e a confidencialidade.

Fui esclarecido (a) que investigar esse tema trará benefícios à comunidade científica e a pesquisa em Terapia Ocupacional, assim como para pessoas transexuais. Será garantido o sigilo das informações pessoais e sobre a identificação das respostas. Além disso, estou ciente que a participação não será remunerada assim como não terá ônus.

Desta forma, tenho a consciência de que minha participação consistirá em preencher um instrumento sobre história ocupacional, responder a uma entrevista semiestruturada e um protocolo acerca da configuração dos papéis ocupacionais, sendo que as repostas serão analisadas sem a minha identificação, objetivando posterior redação de trabalhos científicos, a fim de ampliar a discussão sobre o tema proposto. E que posso a qualquer momento desistir da pesquisa e solicitar a retirada de minhas informações.

Também, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. (Instituto de Ciências da Saúde- ICS/ Universidade Federal do Pará- UFPA). Tel: (91) 32017735-. E-mail: cepcps@ufpa.br.

Profª Msc. Luísa Sousa Monteiro Oliveira

Pesquisador Responsável

Endereço: Rua Augusto Corrêa, 01 – Guamá

(91) 981133176

CREFITO 12 17327.2.TO

Pesquisador: Laiane de Sousa Almeida
Endereço: Rua Augusto Corrêa, 01 – Guamá
Contato: 32018893
CREFITO/Matrícula: 201511640007

Pesquisador: Thâmela Thaís Santos dos Santos
Endereço: Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá.
Contato: 32018893
CREFITO/Matrícula: 201511640028

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Diante das informações acima prestadas e após o esclarecimento de outras dúvidas, eu, abaixo assino, concordo em participar ou permitir que a pessoa pela qual seja responsável, participe voluntariamente da pesquisa.

Belém, ___ de _____ de 201 ___.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B - PERFIL OCUPACIONAL E SOCIODEMOGRÁFICO

Pseudônimo:

Gênero:

Data de nascimento:

Escolaridade:

Estado Civil: () Casado () Solteiro () Viúvo () Separado () Outro: _____

Reside: () Sozinho () Acompanhado, de? _____

Profissão:

Renda Familiar: () menos de 1 salário () 1 salário e meio () 2 salários () mais de 2 salários

1. De maneira simples, diga como é a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)?
2. Você vivenciou alguma mudança em sua rotina a partir da transição de gênero?
3. Que aspectos você vê como barreira para realizar suas ocupações em sua rotina?
4. Que aspectos você vê como facilitador na realização de suas ocupações em sua rotina?
5. Você possui alguma preocupação em relação a realização de ocupações desejadas?
6. Quais ocupações você destaca como sendo as mais importantes de sua rotina? Há alguma que não realiza, mas gostaria de realizar?

APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA: TRANSIÇÃO DE GÊNERO E DESEMPENHO OCUPACIONAL

Educação

1. Qual a sua escolaridade?
2. Fale sobre a sua entrada e permanência na(s) instituição(ões) de ensino que frequentou.
3. Fale sobre a sua participação nas disciplinas institucionais e atividades extracurriculares (como esportes, atividades artísticas/culturais).

4. Fale sobre sua relação com professores e demais alunos
5. Você vivenciou alguma mudança nesses aspectos durante/após a transição de gênero?
6. Há algo mais que você queira acrescentar sobre o seu envolvimento na ocupação Educação?

Trabalho

1. Exerce/exerceu algum tipo de atividade remunerada? Qual?
2. Você trabalha ou já trabalhou formalmente? Qual(is) o(s) lugar(es)?
3. Fale sobre o processo de procura e aquisição de emprego.
4. Fale sobre as relações pessoais no ambiente de trabalho.
5. Você vivenciou alguma mudança nesses aspectos durante/após a transição de gênero?
6. Há algo mais que você queira acrescentar sobre o seu envolvimento na ocupação Trabalho?

Lazer

1. Você participa de atividades como esportes, passeios, viagens, festas ou outros espaços públicos de entretenimento?
2. Fale como era essa participação antes da transição de gênero?
3. Você vivenciou alguma mudança na realização dessas atividades durante/após a transição de gênero?
4. Há algo mais que você queira acrescentar sobre o seu envolvimento na ocupação Lazer?

Gerenciamento de saúde

1. Fale sobre o seu acesso aos serviços de saúde. Enfrenta alguma dificuldade?
2. Como é a sua relação com os profissionais e instituições de saúde.
3. Você vivenciou alguma mudança nesses aspectos durante/após a transição de gênero?
4. Há algo mais que você queira acrescentar sobre o seu envolvimento na ocupação de gerenciamento da saúde?

ANEXO A - LISTA DE IDENTIFICAÇÃO DE PAPÉIS OCUPACIONAIS

Parte 1

Ao lado de cada papel, indique, marcando a coluna correspondente, se você desempenhou o papel no passado, considerando o período anterior à transição de gênero, se você o desempenha no presente, e se planeja desempenhá-lo no futuro. Você pode marcar mais de uma coluna para cada papel. Por exemplo, se você foi voluntário no passado, não é voluntário no presente, mas planeja isto no futuro, deve marcar as colunas passado e futuro.

PARTE 2

PAPEL	PASSADO	PRESENTE	FUTURO
ESTUDANTE: Frequerantar escola de tempo parcial ou integral.			
TRABALHADOR: Emprego remunerado de tempo parcial ou integral.			
VOLUNTÁRIO: Serviços gratuitos, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em hospital, escola, comunidade, campanha política, etc.			
CUIDADOR: Responsabilidade, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em prestar cuidados a filho, esposo(a), parente ou amigo.			
SERVIÇO DOMÉSTICO: <i>Pelo menos uma vez por semana</i> , responsável pelo cuidado da casa através de serviços como, por exemplo, limpeza, cozinhar, lavar, jardinagem, etc.			
AMIGO: Tempo empregado ou fazer alguma, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , com amigo.			
MEMBRO DE FAMÍLIA: Tempo empregado ou fazer alguma coisa, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , com um membro da família tal como filho, esposo(a), pais ou outro parente.			
RELIGIOSO: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em grupos ou atividades filiadas a sua religião. (excluindo-se o culto religioso)			
PASSATEMPO / AMADOR: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em atividades de passatempo ou como amador tais como costurar, tocar um instrumento musical, marcenaria, esportes, teatro, participação em clube ou time, etc.			
PARTICIPANTE EM ORGANIZAÇÕES: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em organizações tais como Rotary ou Lions Club, Vigilantes do Peso, etc.			
OUTRO: _____ Um papel não listado que você tenha desempenhado, desempenha no momento e/ou planeja para o futuro. Escreva o papel na linha acima e marque a(s) coluna(s) correspondentes(s).			

Os mesmos papéis são listados abaixo. Junto de cada papel, marque a coluna que melhor indica o valor ou importância que esse papel tem para você. Responda cada papel, mesmo que nunca o desempenhou ou não planeja desempenhá-lo.

PAPEL	NENHUMA IMPORTÂNCIA	ALGUMA IMPORTÂNCIA	MUITA IMPORTÂNCIA
ESTUDANTE: Frequerantar escola de tempo parcial ou integral.			
TRABALHADOR: Emprego remunerado de tempo parcial ou integral.			
VOLUNTÁRIO: Serviços gratuitos, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em hospital, escola, comunidade, campanha política, etc.			
CUIDADOR: Responsabilidade, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em prestar cuidados a filho, esposo(a), parente ou amigo.			
SERVIÇO DOMÉSTICO: <i>Pelo menos uma vez por semana</i> , responsável pelo cuidado da casa através de serviços como, por exemplo, limpeza, cozinhar, lavar, jardinagem, etc.			
AMIGO: Tempo empregado ou fazer alguma, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , com amigo.			
MEMBRO DE FAMÍLIA: Tempo empregado ou fazer alguma coisa, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , com um membro da família tal como filho, esposo(a), pais ou outro parente.			
RELIGIOSO: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em grupos ou atividades filiadas a sua religião. (excluindo-se o culto religioso)			
PASSATEMPO / AMADOR: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em atividades de passatempo ou como amador tais como costurar, tocar um instrumento musical, marcenaria, esportes, teatro, participação em clube ou time, etc.			
PARTICIPANTE EM ORGANIZAÇÕES: Envolvimento, <i>pelo menos uma vez por semana</i> , em organizações tais como Rotary ou Lions Club, Vigilantes do Peso, etc.			

OUTRO: _____ Um papel não listado que você tenha desempenhado, desempenha no momento e/ou planeja para o futuro. Escreva o papel na linha acima e marque a(s) coluna(s) correspondentes(s).			
---	--	--	--

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRANSEXUALIDADE:

Uma análise da transição de gênero, do desempenho e dos papéis ocupacionais

Pesquisador: Luísa Sousa Monteiro Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 11965119.4.0000.0018

Instituição Proponente: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará - ICS/ UFPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.470.937

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa trata das possíveis relações entre a transição de gênero e a dimensão ocupacional, utilizando como aporte teórico o Modelo da Ocupação Humana e o conceito de Justiça Ocupacional. Dessa forma, o estudo tem por objetivo analisar a relação entre transição de gênero, desempenho ocupacional e papéis ocupacionais de pessoas transexuais a partir da compreensão da história ocupacional dos sujeitos, da descrição do desempenho ocupacional antes e depois da transição de gênero e da identificação da configuração dos papéis ocupacionais nesse processo. Para isso, será realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva e de delineamento retrospectivo, com indivíduos autoreferentes transexuais, maiores de 18 anos, acessados, pretendidamente, por meio da Rede Paraense de Pessoas Trans (RPPT). Serão utilizados como instrumentos de avaliação: o perfil ocupacional e caracterização sócio demográfica, entrevista semidirigida sobre o processo de transição de gênero e desempenho ocupacional e a aplicação do protocolo Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar a relação entre a transição de gênero, o desempenho ocupacional e os papéis ocupacionais de pessoas transexuais.

Objetivo Secundário: • Compreender a história ocupacional dos sujeitos antes e depois da

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ



Continuação do Parecer: 3.470.937

transição de gênero;• Descrever o desempenho ocupacional de pessoas transexuais antes e depois da transição de gênero;• Identificar a configuração dos papéis ocupacionais antes e depois da transição de gênero.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Quanto aos possíveis riscos relacionados à pesquisa, trata-se da revelação da identidade dos participantes, o resgate de sentimentos tristes decorrentes do conteúdo abordado na entrevista e/ou desconforto transitório, assim como sensação de invasão de privacidade no participante. Ressalta-se como medidas amenizadoras a serem adotadas frente aos riscos oferecidos a disponibilidade encaminhamento psicológico quando este se fizer necessário, assim como garantir um local reservado para a entrevista e a confidencialidade.

Benefícios: Quanto aos benefícios, trata-se do conhecimento gerado acerca dos impactos ocupacionais do processo de transição de gênero, podendo direcionar as futuras práticas terapêuticas ocupacionais a serem desenvolvidas com o público transexual a partir das demandas identificadas, levando a promoção da qualidade de vida e favorecimento do engajamento ocupacional. Dessa forma, os benefícios estendem-se para a comunidade científica, ao promover a ampliação de estudos na área, visto que este apresenta-se com poucas discussões. Além disso, por meio do estudo será possível visualizar o processo de transição de gênero a partir de uma nova ótica, pautada nas ocupações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O protocolo encaminhado dispõe de metodologia e critérios definidos conforme resolução 466/12 do CNS/MS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados contemplam os sugeridos pelo sistema CEP/CONEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ



Continuação do Parecer: 3.470.937

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1329982.pdf	12/04/2019 17:04:02		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	12/04/2019 17:02:42	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	12/04/2019 17:00:26	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	12/04/2019 16:59:51	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromissodopesquisador.pdf	12/04/2019 16:58:35	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	termodeaceitedoorientador.pdf	12/04/2019 16:57:38	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	cartadeencaminhamentoaocep.pdf	12/04/2019 16:56:28	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	isencaodeonusfinanceiro.pdf	12/04/2019 16:49:25	THAMELA THAIS SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	aceite_instituicao.docx	09/04/2019 11:23:02	Luísa Sousa Monteiro Oliveira	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	09/04/2019 11:06:45	Luísa Sousa Monteiro Oliveira	Aceito
Cronograma	crono.docx	09/04/2019 11:04:32	Luísa Sousa Monteiro Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 25 de Julho de 2019

Assinado por:

Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br